

# CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ

53

DEZEMBRO 2015  
[www.candido.bpp.pr.gov.br](http://www.candido.bpp.pr.gov.br)

## O último tabu

Presente na obra de grandes autores,  
o erotismo ainda permanece à margem  
dos principais temas da literatura brasileira

Entrevista | Fernando Bonassi ▪ Romance | Betty Milan ▪ Poema | Geraldo Magela



# EDITORIAL

Reprodução



A sociedade brasileira ainda é careta quando o assunto é sexo. É a conclusão de professores e críticos ao analisar a incidência do erotismo na literatura produzida no país. Muitos dos grandes autores brasileiros, como Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade (foto), exploraram esse tema, mas, em geral, essa parte de suas obras permanece ignorada pela maior parte da crítica e dos leitores.

Os exemplos são vários: o próprio Drummond só teve seu livro *O amor natural*, de alta carga erótica, publicado cinco anos após sua morte, em 1992; já Gregório de Matos (1636 – 1696), considerado precursor na temática, ganhou uma edição sem censura de sua obra no final da década de 1960.

Nesta edição do **Cândido**, especialistas, como a professora da Univer-

sidade de São Paulo (USP) Eliane Robert Moraes, trazem a lume a grande quantidade — e qualidade — dos textos eróticos da literatura nacional. Eliane organizou recentemente a *Antologia da poesia erótica brasileira*, com 255 poemas escritos nos últimos quatro séculos, uma compilação inédita sobre a produção de nossos escritores em relação à temática erótica.

Já os autores Marcelo Mirisola e Antonio Carlos Viana, que se utilizam do erotismo para compor seus romances e contos, levantam outras questões de ordem estética, como os limites entre o erótico e o obsceno.

A 53ª edição do **Cândido** ainda traz uma longa entrevista com Fernando Bonassi, que lançou recentemente o romance *Luxúria*, que tem como tema central o consumo e crédito fácil dis-

ponibilizado ao brasileiro nos últimos anos. Roteirista de filmes de sucesso, como *Cazuzu — O tempo não para* e *Carandiru*, Bonassi fala também sobre suas incursões em outras linguagens que envolvem a palavra escrita, como o teatro e o roteiro de TV. Na seção Cliques em Curitiba, o fotógrafo Eduardo Macarios mostra o ensaio “Contos Fotográficos”, baseado na obra de Dalton Trevisan.

Entre os inéditos, o mineiro radicalizado em Curitiba Geraldo Magela, que lançou recentemente novo livro, e o manauara Diego Moraes aparecem com poemas. A jornalista e escritora Betty Milan, autora de dezenas de livros, mostra trecho de seu mais novo romance, *A mãe eterna*, previsto para ser lançado em maio de 2016 pela editora Record. E, de Fortaleza, o escritor Cláudio Portella envia o longo conto *O trompete*.

## EXPEDIENTE

# CÂNDIDO

**Cândido** é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:

Kayne Abreu e Lucas de Lavor

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Franco, Marília Costa, Marluce Reque

e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Betty Milan, Bianca Franco, Cláudio Portella, D.W. Ribatski, Diego Moraes, Eduardo Macarios, Geraldo Magela, Marília Costa, Marluce Reque e Saulo Adami.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.  
Horário de funcionamento:  
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.  
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## CURTAS DA BPP



## Fotografia

Foto: Fernanda Castro



Segue em cartaz em dezembro, no Hall Térreo da Biblioteca Pública do Paraná, a mostra “Comunidades Quilombolas do Paraná”, da artista Fernanda Castro. A exposição é formada por 9 fotografias, reproduzidas em alta resolução, e é resultado do trabalho de pesquisa da artista sobre a identidade cultural negra e suas raízes sociais nas comunidades quilombolas do Paraná. A série retrata, em especial, a mulher negra e suas comunidades sociais e culturais, cujas raízes alimentam fortemente a constituição de nossa sociedade.

## Música de Câmara

Em dezembro, a Biblioteca Pública do Paraná recebe duas apresentações de música de câmara. Os eventos fazem parte do Simpósio de Violão da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EM-BAP), que leva concertos e recitais de violão a espaços públicos de Curitiba. No dia 7 de dezembro, às 17h, o Quarteto Zenamon interpreta peças de compositores brasileiros como Homero Pereira, Leo Brouwer, Celso Machado e Dilermando Reis. No dia 11, às 17h30, o Duo Zabrocki-Lentz apresenta repertório com peças de Ferdinando Carulli, Claude Debussy e Marlos Nobre, entre outros compositores. Os eventos são gratuitos e acontecem no Hall Térreo da BPP.

## Operação impensável

Vencedor do Prêmio Paraná de Literatura em 2014, na categoria do Romance, o livro *Operação impensável*, de Vanessa Barbara, foi relançado pela editora Intrínseca. Editado originalmente pelo selo Biblioteca Paraná, do núcleo de edições da Secretaria de Estado da Cultura, teve tiragem inicial de mil exemplares e foi distribuído para todas as bibliotecas públicas do Estado. No romance, Vanessa Barbara acompanha os cinco anos de relacionamento entre Lia e o programador Tito, um amor pontuado por e-mails espirituosos, vocabulário próprio, muitas sessões de cinema e longas e disputadas partidas de jogos de tabuleiro. Com toques de humor ácido, ela desvenda a lenta desintegração de um casamento.

Reprodução



Divulgação

## Teatro em cena

O Centro Cultural Teatro Guaíra e a Secretaria de Estado da Cultura assinaram dois editais, com vigência para 2016, que vão promover a cultura no Estado. O primeiro edital se refere à reativação do Teatro de Comédia do Paraná (TCP), que produzirá no primeiro semestre de 2016 um texto inédito de autor paranaense ou residente no Estado. As inscrições estão abertas até 15 de janeiro de 2016 e prevê

a escolha de texto teatral inédito, no gênero comédia para adultos. O outro edital prevê a ocupação dos auditórios do CCTG (Guairinha, Mini e José Maria Santos) por grupos paranaenses que apresentarão peças de classificação adulta e infantil. As inscrições estão abertas até 29 de janeiro de 2016 e os resultados serão divulgados em 19 de fevereiro. Mais informações: [www.teatroguaia.pr.gov.br](http://www.teatroguaia.pr.gov.br).

Reprodução

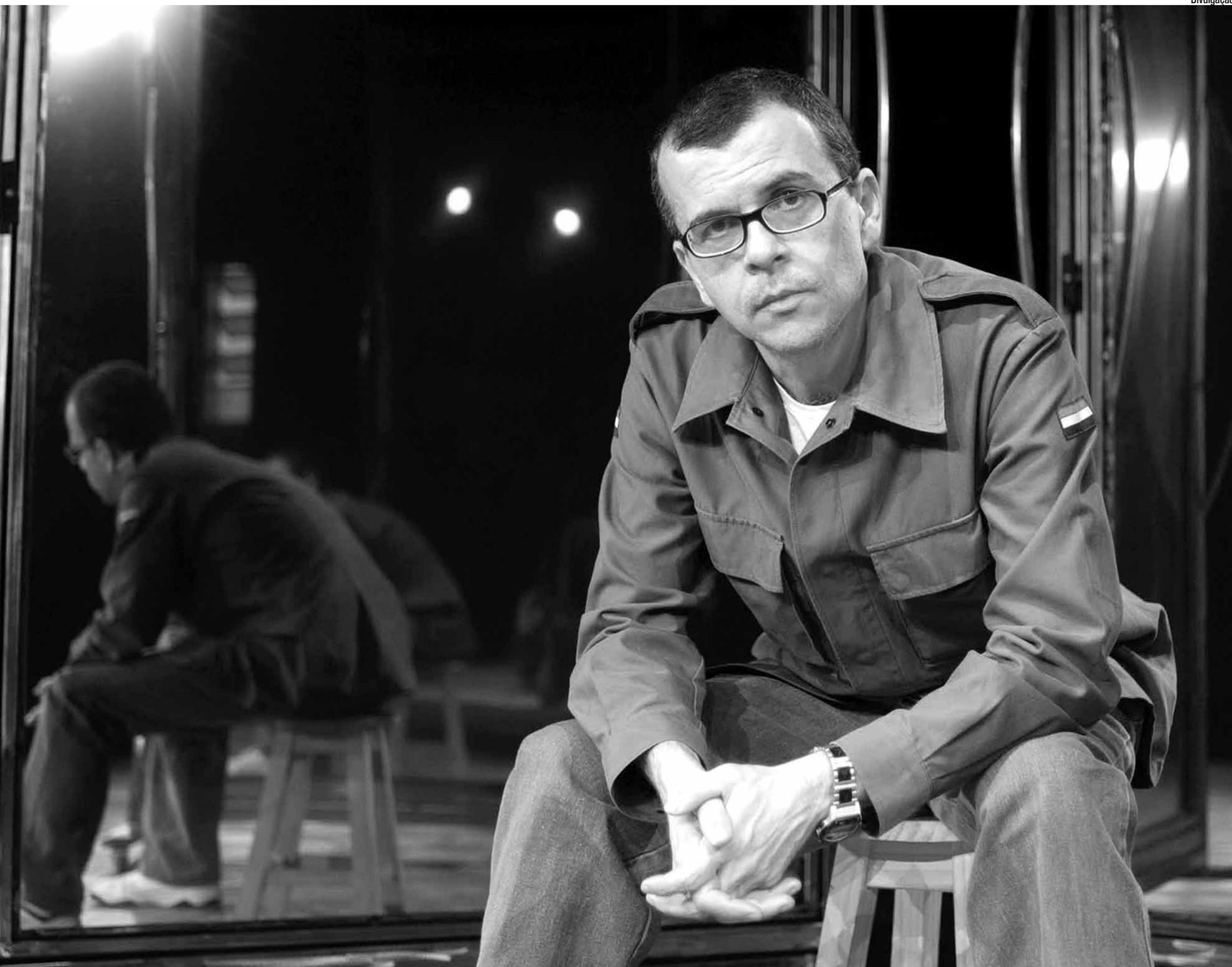
## Carlos Machado

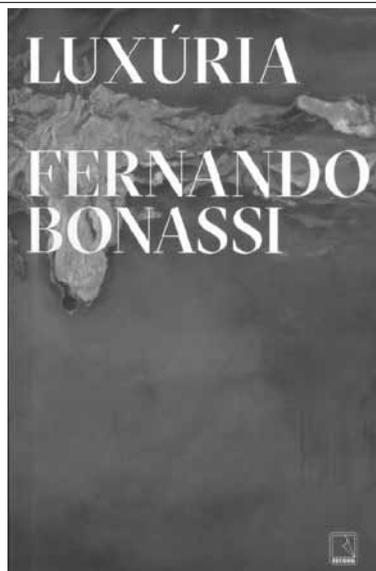
O escritor e músico Carlos Machado acaba de lançar novo disco. *Bárbara* é o quinto álbum da carreira do cantor e compositor e traz 12 canções que misturam referências diversas, como jazz, música francesa, samba e pop. Assim como os trabalhos anteriores, o novo disco traz letras assinadas em parceria com o poeta Fernando Koproski. *Bárbara* está disponível para streaming e download no site oficial do artista.



# Um romance de geração

Divulgação





## Em novo livro, escritor Fernando Bonassi faz uma radiografia da ascensão e queda de uma classe social pela via do consumo

LUÍZ REBINSKI E MÁRCIO RENATO DOS SANTOS

**H**á 5 anos, Fernando Bonassi começou a elaborar uma narrativa a respeito do Brasil, “país que se deitou embriagado, sonhou um pesadelo previsível, sem graça, e acordou sufocado, endividado até o pescoço”. O resultado acaba de se materializar no romance *Luxúria* que, de acordo com o autor, trata “dessa confusão entre cidadania e consumo e endividamento, típica do que aconteceu nos últimos anos. Transformamos os desgraçados em consumidores sem que se tornassem cidadãos.” *Luxúria* apresenta a ruína de uma família, de um operário que pretende construir uma piscina no quintal de sua casa. Mas o livro trata, simultaneamente, de várias questões, entre as quais, o tempo. “O tempo é a substância básica de *Luxúria*. O tempo vendido e comprado, o tempo usado, o tempo jogado fora, mal aproveitado, arremessado na cara de quem não tem por aquele que é o seu dono, seu feitor, o tempo que eu roubo de você para que sobre tempo para mim”, diz o autor que, nesta entrevista, também fala sobre a sua trajetória, que inclui outras obras literárias e roteiros para TV e cinema, como os longas-metragens *Cazuza — O tempo não para* (2004) e *Carandiru* (2003). “Reconheço que estraguei algumas boas ideias de romance, novela ou conto para escrever uma sinopse de afogadilho, cenas banais de seriados e de longas-metragens. Às vezes as necessidades da sobrevivência te obrigam a dispor de forma leviana de algo muito querido e acalentado. Mas a vida é isso também. Estou disponível pro jogo. Sem mágoas”, afirma Bonassi, 53 anos.

**Quando, em que momento, você teve o insight, o ponto de partida, para elaborar *Luxúria*? Desse primeiro momento até entregar o arquivo para a editora, quanto tempo se passou? Reescreveu quantas vezes? Colegas leram, deram algumas sugestões? Como foi, enfim, o processo de idealizar e escrever o romance?**

Eu andava com vontade de escrever algo sobre a profunda frustração que viveu a minha geração. Eu me refiro àquelas pessoas que nasceram na primeira metade dos anos 1960 e que assistiram às várias promessas de civilização que foram sendo feitas e traídas pela venalidade cotidiana do nosso violento, autodestrutivo e autodepreciativo, fazer político: tentamos eleger um presidente de maneira direta, mas a ditadura só nos permitiu o colégio eleitoral; o menos ruim daqueles que concorreram ao colégio eleitoral venceu, mas teve o mal gosto de morrer antes de assumir, vivemos a era Sarney, as funestas e cosméticas presenças de Collor e de Itamar Franco, depois assistimos a cinco mandatos de governos eleitos pelo povo alienarem os seus mais caros ideais democráticos e de igualdade social e governarem reféns dos partidos derrotados, em alianças de bandidos num congresso de criminosos retroalimentado pelo tesão de permanecer no Estado... É um paizinho de merda, não é parceiro? Também queria tratar dessa confusão entre cidadania e consumo e endividamento, típica do que aconteceu nos últimos anos. Transformamos os desgraçados em consumidores sem que se tornassem cidadãos. Também fui operário, minha antiga atividade (ajustagem mecânica), por exemplo, entrou em extinção faz tempo: as máquinas realizam melhor o serviço do

que o melhor dos operários. Os homens são desnecessários, e nunca houve tanto conforto disponível. Fácil, falso, mas disponível, e todos acreditaram. Queria tratar de um país que se deitou embriagado, sonhou um pesadelo previsível, sem graça, e acordou sufocado, endividado até o pescoço. A desgraça de um operário que tenta construir uma piscina em sua casa e é vencido pela insurreição dos elementos de seu mundo, me pareceu um maravilhoso microcosmo, grotesco, do que fizemos de nós próprios. É uma literatura do que está acontecendo, embora o romance tenha começado a ser escrito faz 5 anos. A história tornou-se tristemente atual, isso é indiscutível. Luiz Ruffato foi o único leitor do original e deu sugestões importantes, que eu usei nas várias vezes em que reescrevi a narrativa. O livro teve umas boas cinco versões, com mudanças substantivas em cada uma delas, até chegar a esta última.

“Aprendi filosofia com a Nouvelle Vague, política com Eisenstein e o Cinema Novo, geografia e história com o *Rock n´Roll* e assim por diante.”

Foto: Cris Bierrenbach



Há quem diga que a primeira frase deve definir, sintetizar o romance e, em *Luxúria*, a narração começa da seguinte maneira: “É um momento histórico de prosperidade num país acostumado a viver na merda.” Para quem ainda não leu e mesmo para quem já conhece, considera que a primeira frase faz uma apresentação da proposta de *Luxúria*?

Acho que sim. Neste sentido a frase é uma ótima síntese. O romance trata justamente da construção desse imaginário que nos envolveu e embriagou nos últimos tempos. Vivemos a falsa ilusão de que tínhamos resolvido tudo porque os miseráveis estavam comprando carro popular e viajando de avião. É claro que é maravilhoso que todos os cidadãos brasileiros disponham de bens e vivam os prazeres e lazeres de uma viagem. No entanto, não conseguimos superar esta fase infantil de nosso pseudodesenvolvimento. Os governos de esquerda não realizaram a promessa de redução das diferenças em níveis consideráveis. Governaram como governou desde sempre a direita, apresentando resultados práticos, mantendo a injustiça social perto do intolerável, jogando no lixo os valores que os levaram ao poder. Na hora em que sobrevém a crise e o desemprego, sobram dívidas, quando deveria ter havido educação integral e de qualidade e compreensão cultural das coisas do mundo em que vivemos, antes. Ademais a imprensa e o governo estão cagando para os livros. *Luxúria* também trata disso.

*Luxúria* apresenta uma família que, a partir das possibilidades do crédito fácil, vai flertar com a sugestão de paraíso, via consumo, e, em seguida, pagar a conta. Como foi criar esses

personagens, o pai operário, a esposa dependente de antidepressivos e o filho adolescente? Elaborou a partir de pesquisa e observação?

Digo que o livro é lamentavelmente sobre pessoas e acontecimentos reais e não minto. Percebi cedo que vinha de uma cepa de vermes preguiçosos, estelionatários e puxa-sacos que sempre preferiram encostar-se num sofá, de preferência com um copo de cachaça, a ler um livro, gente que sempre olhou a ousadia e o progresso, com desconfiança e medo. Observo estas péssimas qualidades por onde ando, também, especialmente entre os paulistanos à minha volta, na violência de nossa polícia e do trânsito da cidade de São Paulo, nas cadeias administradas pelo crime organizado na cidade mais rica do país, na cegueira cultural, histórica e política do cidadão comum. O desleixo de alunos e professores com o verdadeiro ensino. Livre, em tempo integral, laico... Estamos um traste. E não é preciso pesquisar muito para notar estes personagens: basta abrir os olhos e os ouvidos. Nossa degradação é progressiva, insistente, inexorável até a burrice final.

**Ao comprar uma piscina, a vida do operário ferramenteiro, o super-herói do relato, vai mudar, para sempre. A tentativa de instalação da piscina no quintal da casa vai ocupar parte significativa de *Luxúria*. O livro traz informações detalhadas, por exemplo, o que se lê na página 273: “A malha de aço, a portuguesa, mas quadrada, ou retangular, num rococó reto e definido por ângulos recortados. Cada quatro ferros de oito e cada estribo de quatro milímetros são amarrados quatro vezes entre eles, em cada ângulo reto da junção. Cada figura se gruda numa**

**outra, gêmea, espelhada. Do mesmo tamanho.” Você pesquisou sobre o assunto? Consultou manuais? Entrevistou profissionais da área? A ideia foi provocar um efeito irônico?**

O mundo do trabalho não requereu pesquisa nenhuma, pois fiz o curso de ajustagem mecânica numa unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), numa fábrica de engrenagens do ABC paulista (A ZF de São Caetano) em meados dos anos 1970, além de conviver numa família de operários metalúrgicos reacionários, brutos e semialfabetizados (sabiam contar dinheiro e calcular ângulos simples nos tornos, nada mais). Já a construção de piscinas, seus tipos e seu funcionamento, isso sim me interessou pesquisar e colhi algumas pastas de dados. Descobri coisas engraçadas e aterradoras. Usei muita coisa.

**O capítulo 12 — “Recorde de acessos na semana:” — traz praticamente a descrição de um vídeo, a decupagem de um audiovisual. Neste caso, você se valeu do seu conhecimento de com TV e cinema para incluir a linguagem de roteiro dentro do romance?**

Sou um escritor que teve a vantagem de viver num momento histórico em que há diversas mídias que ainda necessitam desta coisa antiga, mas sofisticadíssima, que é a dramaturgia, a literatura, enfim. Roteiro e livro tem naturezas diferentes, mas brincar com as conexões entre as suas linguagens específicas, é parte do meu prazer e interesse estético, desde sempre. Posso fazer você “visualizar uma cena” num livro; ou fazer o espectador ouvir determinado texto, viver certa emoção literária num filme. São questões que cada modalidade de arte impõe aos verdadeiros criadores todos os dias, aliás.

“Vivemos a falsa ilusão de que tínhamos resolvido tudo porque os miseráveis estavam comprando carro popular e viajando de avião.”

## ENTREVISTA | FERNANDO BONASSI

Antes do fim do livro, há uma sequência de capítulos com linguagens diferentes entre si, mas que, de maneira geral, funcionam — o efeito, para o leitor, é surpreendente. O capítulo 71 traz a narração presente em grande parte de *Luxúria*, o narrador em terceira pessoa apresentando uma situação dramática. Já o capítulo 72, a exemplo do que foi perguntado na questão anterior, mostra quase a decupagem de um audiovisual. O capítulo 73 é uma carta de demissão. A sua estratégia, para conduzir *Luxúria*, foi, enfim, fazer uma mistura, uma mescla, de opções narrativas?

Aprecio a ideia de narrar usando documentos (como a carta de demissão, por exemplo), que substituem, ou melhor, que incluem em si próprios, uma narrativa. O fato de os capítulos representarem abordagens diferentes, tem a ver com o meu gosto pelas diversas linguagens que compõem a arte e a vida. Sempre gostei de cinema, troço cosmopolita em essência, e de cultura pop em geral. Aprendi filosofia com a Nouvelle Vague, política com Eisenstein e o Cinema Novo, geografia e história com o *Rock'n'Roll* e assim por diante.

**Em *Luxúria* há, na falta de palavra/expressão mais precisa, alguns núcleos: a casa da família, a empresa, a escola, a rua e a igreja. Esses são, ou podem ser, os espaços, os cenários, em que personagens da realidade — em diálogo com os personagens que aparecem no livro — circulam neste Brasil onde teve crédito fácil em tempos recentes?**

Na verdade, meus personagens são, tragicamente, “limitados” por estes núcleos/cenários. A vida da maioria dos meus sempre foi um deslocamento entre o trabalho, lugar de sofrimento, e a casa, lugar de soli-

ção. A religião é triste e punitiva. O serviço a prestar uma repetição tola e infinita. Os prazeres sexuais e gastronômicos limitados, a insegurança material e espiritual constante. Culpa, cobrança, inveja, desprezo pela liberdade, mesquinhez, desalento. A impressão generalizada é que se recebe pouco por andar dentro da lei. É um caldo de cultura péssimo este em que estamos submersos, e que vai nos levar à autodestruição em poucas décadas, é quase certo.

**O tempo é uma questão em *Luxúria*: “Na fábrica o relógio anda para trás, na escola o relógio não anda e em casa o relógio anda para o lado.” (Sem mencionar a última, e arrebatadora frase do romance) os personagens de *Luxúria* são engolidos pelo tempo?**

O tempo é a substância básica de *Luxúria*. O tempo vendido e comprado, o tempo usado, o tempo jogado fora, mal aproveitado, arremessado na cara de quem não tem por aquele que é o seu dono, seu feitor, o tempo que eu roubo de você para que sobre tempo para mim. As relações de trabalho, em países pobres, burros e violentos como o nosso, são extremamente danosas para quem não estudou e ganha pouco. O tempo dessas pessoas é um tempo inferior ao dos outros, os que acham que podem fazer o que querem... Mas esta destruição do tempo, essa banalização do tempo, no livro, é uma de suas partes artísticas mais bem-sucedidas, na minha opinião. Acho verdadeiro aquilo que está lá, conheço bem a perversidade, vivi e fui vivido por aquilo, fui humilhado e humilhei dentro daqueles moldes.

**A relação entre os personagens de *Luxúria* é marcada pela tensão, há hostilidade e violência no convívio, seja entre os membros da família ou outros personagens. Os brasileiros, os**

Divulgação/Edson Kumasaka



**humanos, são violentos? Essa é a característica que pode nos definir?**

Violência é o traço de convivência que define sociedades e países que desprezam a cultura, o ensino que aproxima o aprendizado das várias gerações e os valores civilizatórios em geral, como é o caso do Brasil, em que educação é merda até para os altos burocratas pau mandados da educação privada que, em São Paulo, por exemplo, advogam o ensino técnico. Eu pergunto: quem vai dizer ao jovem: pare de conhecer, de se interessar e ampliar seus horizontes e vá para a primeira linha de montagem que o aceitar, apertar parafusos? Ridículos estes homens de poder, são ridículos e jurássicos todos eles...

**Thor, o cachorro de estimação da família do operário ferramenteiro, tem espaço, e destaque, em *Luxúria*. Um dos mercados que mais crescem entre as micro e pequenas empresas é o dos *pet shops*. Há pensatas sobre a relação entre cachorro e ser humano no romance. A relevância dos cães é cada vez mais no Brasil contemporâneo?**

Fiz a experiência de tentar doar um cão na Internet e quase fui linchado. Os cães domésticos costumam preencher o vazio moral, sexual e amoroso dos seus proprietários e este livro apenas esboça um quadro, muito tênue, disso. Nada demais.

**Você estreou com o livro de poesia *Fibra ótica*, ainda nos anos 1980. Desde então, escreveu coletâneas de contos, romances, histórias infantjuvenis, peças de teatro e roteiros para o cinema e a TV. Como você entrou e se adaptou a tantos gêneros, que, apesar de utilizarem a mesma matriz — são idiossincronicamente diferentes?**

Como já anotei, faço parte de uma geração em que as mídias se abriram para o texto. Vindo de um ambiente operário eu sabia que devia fazer algo que me permitisse pagar as contas. A ideia e a vontade de vender meu texto, de entrar em embates criativos com a indústria cultural, me levou a me interessar e praticar diversas linguagens. Estar preparado para enfrentar as encomendas sem sofrer, mas produzindo o melhor possível.

**Em alguns de seus projetos, seja na literatura ou no teatro, há uma clara tentativa de subverter a linguagem, mas, ao mesmo tempo, sempre com o objetivo de “contar” uma história. Como você dosa a vontade de transgredir, inerente a maior parte dos escritores, com o princípio básico da literatura, que é a narrativa?**



A melhor solução de prosa, portanto estamos no campo da narrativa, para mim, é aquela que contempla a linguagem, que apresenta o que há para ser expresso sob uma forma que determina seu conteúdo, que o torna muito específico, e único, e ao mesmo tempo, dotada de beleza e força poética, de verdade ficcional, em todos os seus detalhes. Parece teórico. E não é muito simples mesmo. Arte é originalidade. Foda de alcançar.



**Você se envolveu com roteiro de cinema e TV, algo que consome tempo e ideias. E também não é um escritor apenas de livros, trafega em outras linguagens. Isso, de alguma forma, atrapalhou sua carreira como ficcionista (contista e romancista)?**

Sim, atrapalhou. Hoje, com 53 anos a agilidade mental não é a mesma, reconheço que estraguei algumas boas ideias de romance, novela ou conto para escrever uma sinopse de afogadilho, cenas banais de seriados e de longas-metragens. Às vezes as necessidades da sobrevivência te obrigam a dispor de forma leviana de algo muito querido e acalentado. Mas a vida é isso também. Estou disponível pro jogo. Sem mágoas.



**Até a década de 1980, o escritor, em geral, se tornava jornalista, professor ou funcionário público para ganhar a vida. Hoje há muitas outras possibilidades, como a produção audiovisual, a internet, etc. Para você, a televisão (e o cinema, em menor medida) é apenas uma forma de ganhar a vida ou é uma atividade que também te completa como criador?**

É uma atividade para ganhar a vida que amoleceu e tornou muito mais versátil o meu texto literário.



**Vários de seus livros falam sobre a periferia. Mas uma periferia menos miserável, pelo menos economicamente, se comparada aos morros cariocas. É a classe média baixa, o trabalhador com emprego, mas que ganha pouco. Praticamente o mesmo tema dos livros do escritor Luiz Ruffato. Vê semelhanças entre a sua produção e a dele?**

Nossas literaturas, com todas as nossas diferenças formais, políticas, pessoais e estilísticas, abordam este mesmo lugar e tempo, que foi a transformação do Brasil do século XX, aquele país em que se “amarrava cachorro com linguiça”, neste em que vivemos agora, de alta tecnologia e alta miséria em permanente coexistência. O Ruffato leu isto com uma voz e uma poética incomuns. *Eles eram muitos cavalos* é grande, é porrada, já tem o seu lugar na História.

**Você e Marçal Aquino foram parceiros em diversos projetos, por exemplo, na série *Força tarefa*, da TV Globo. Ele é o escritor com quem tem mais afinidade? Como surgiu essa parceria?**

Marçal Aquino e eu formamos uma dupla de criação em que o respeito mútuo e a prevalência do que é melhor, guia o trabalho. Trabalhamos ombro a ombro na casa dele (tenho duas filhas pequenas e um tanto barulhentas, na minha casa, no momento), decidindo a cada passo o que é melhor e mais original para o que escrevemos, nas condições e para o público que almejamos. Marçal tem um repertório e memória incríveis. Dá muito conforto trabalhar com um artista assim. Eu faço o que eu gosto; me divirto fabulando, inventando, e depois encontrando palavras para descrevê-lo. Não é ruim.

**E falando de geração, que aviação você faz da sua própria geração e, em geral, do cenário literário brasileiro? Além dos meios de publicação, o que mudou dos anos 1980 pra cá em termos literários?**

Minha geração... Cacete, o que é isso? Quem somos? Bem, há certa diversidade, pelo menos. E uma impressão de leitor/escritor que fomos um tanto inúteis, nos rendemos aos prazeres fáceis da indústria cultural, da convivência com uma política de criminosos, não retratamos o que fizemos de nós todos e o que todos nós fizemos do país, dos sonhos, dos pesadelos e dos abortos... Eu gostaria de dizer “fomos considerados indigestos pelos autoritários e ousados diante dos poderosos”, mas não acho que seja o nosso caso. Hoje em dia, de todo modo, é bem mais fácil publicar. O livro ficou barato. E há os incentivos fiscais, os prêmios... Os blogs, que permitem exercício permanente. A tecnologia foi madrinha disso, felizmente. Os caras acima de 50, como eu, sabem que era mais complicado antes.

**Para finalizar, você tem algum hábito diário, além de ler e escrever. Por exemplo, caminha? Vai em algum lugar olhar o movimento? Fica parado pensando? Um hábito que se repete e que você não abre mão? Caso sim, o que é?**

Ando uma hora por dia, leio bons livros, vejo bons filmes e procuro me manter estimulado, artisticamente, conhecendo ou revisitando a obra de gente que me toca, me desafia, me incomoda, me tira de minha mesquinhez e do ramerrão cotidianos. Não é hábito, mas uma certa disciplina criativa: escrever um punhado de literatura, nem que seja um tiquinho, todos os dias. ■

# A MÃE ETERNA — CEM ANOS PARA QUÊ?

*Não tenho mais como me abrir com minha mãe, ela escuta pouco e quase não se interessa. Por causa da idade avançada, deixou de ser quem era. Para suportar a perda, escrevo a uma interlocutora imaginária, uma interlocutora tão capaz de um amor incondicional.*

*A escrita é um recurso vital quando a palavra é impossível e, na falta do destinatário desejado, a gente inventa outro. A primeira frase que eu escrevi foi Se eu pudesse... Deixei na gaveta até que o texto se impôs... talvez para me salvar.*

**S**e eu pudesse te dar de novo a vida... fazer você nascer de mim como eu nasci de você... Não paro de desejar o impossível. Apesar dos seus 98 anos, não suporto te perder. Eu, que sei do fim de tudo, não me conformo com o seu fim. De que adiantou ler os budistas e saber que tudo muda, “as causas e as condições variam continuamente?” Que a vida é “fluxo de criação, transformação, extinção e nada permanece”? Sei que só a impermanência possibilita a renovação do universo, porém o coração não acompanha a cabeça.

Acredito que posso curar as suas mãos se eu mesma puser a pomada nos seus dedos, imprimindo neles o meu ritmo. Acredito, embora estejam tomadas por uma micose há anos. Mais parecem as mãos de uma mendiga.

Você, toda encurvada, é mais pobre do que os mais pobres, mais desposuída. A sua esperança de vida é a menor. E, embora você diga e repita que está preparada para morrer, não aceita a morte.

Nunca soube o que era doença. Preciso da velhice para estar “preparada”. Saber que a morte podia te alcançar em qualquer lugar e, portanto, que era preciso estar pronta para ela não bastou. A leitura dos clássicos é insuficiente.

Quando você diz que quer morrer, eu me digo que seria melhor para você não sofrer. No entanto, procuro silenciar o seu voto.

— Quer mesmo um remédio para ir embora? Posso te dar um.

Você me ouve e se cala. Não sei se eu falo para você se calar ou porque não suporto mais ver o que o tempo fez com você... enxergar a ruína em que você se transformou. Já não levanta os pés quando anda, arrasta-os. Segue precedida pela cabeça, por causa da coluna... parece um monolito ambulante. Quando senta, dá a impressão de que não vai mais se levantar.

Isso ora me dá pena, ora me causa horror — o horror do que posso vir a ser. Não sei se a compaixão, que os religiosos preconizam e alcançam é o resultado de um esforço heróico ou da negação da realidade. Será que eles enxergam o que veem?

Por que você e eu temos que passar por isso tudo? A estranha pergunta do meu filho pequeno ressoa hoje no meu ouvido e faz sentido.

— Com que direito, mãe, você me deu a vida?

Não me ocupo dos cuidados físicos de que você precisa, mas tenho satisfação em ler o que você deseja ouvir. A

meio metro de você e bem na sua frente. Para que, vendo os meus lábios e a minha expressão, você entenda o que ouve e o seu rosto se ilumine. Nessa hora, tenho o sentimento de ser poderosa, tanto quanto você foi nos meses em que eu estive no seu ventre e precisava de proteção... no tempo em que eu era apenas uma promessa.

Para suportar a perda, mesmo sem viajar, eu me expatrio. Tomei um vinho do porto e me vi sentada no café mais antigo de Lisboa, o *Terreiro do Paço*. Me lembrei das arcadas amarelas que circundam a praça, da estátua equestre de bronze com a pátina verde e desci o cais das colunas, por onde antigamente os monarcas entravam na cidade. Fui descendo os degraus sem pressa, até ouvir o marulho do mar e olhar o horizonte.

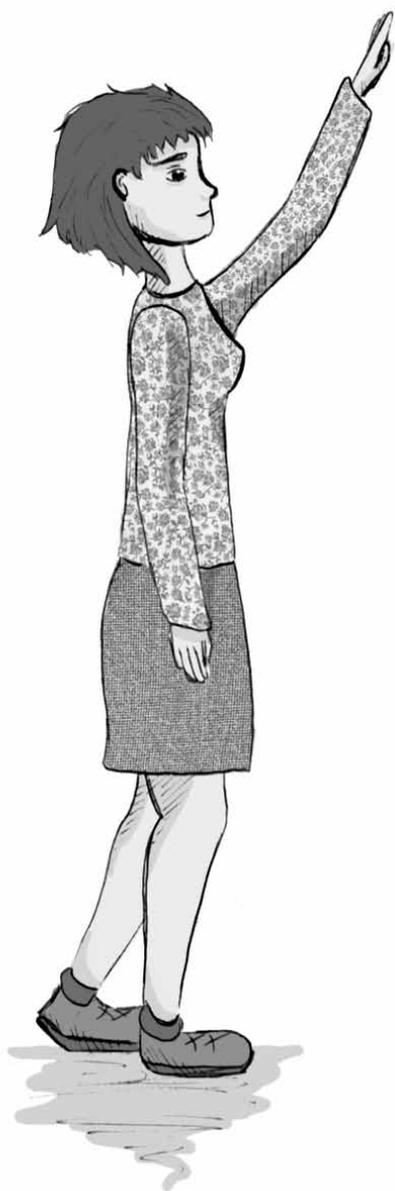
Pouco depois do último trago, a empregada me telefonou, falando da melhora das suas mãos. Soube da eficácia do tratamento que fiz. Paradoxalmente, no entanto, não me alegrei. A sua dependência não pode me alegrar. Que filha quer ser a mãe da mãe? A pergunta não significa que eu não esteja disposta a “cumprir o meu papel”. Me disponho ao necessário, porém, queira ou não, eu peno — não sou monge nem padre.

O meu dever me exaspera, porque me impõe um luto. Nada foi melhor do que ser sua filha no tempo em que você podia me facilitar a vida. De repente, no entanto, a melhor das mães não pode mais nada. Se quiser me dar um presente em dinheiro, me pede antes para contar as notas da carteira.

— Vê aí quanto tem...

Não recebo o presente sem me dar conta da sua falência e me digo que teria sido melhor não receber nada.

Você hoje chegou em casa sozinha num táxi especial. Tocou a campainha repetidamente, expeditiva, e entrou me chamando e já seduzindo a empregada nova.



— Que menina bonita! De onde foi que você saiu?

— Daqui mesmo.

— Você é bonita porque é jovem.

Quantos anos?

— 24

— A vida pela frente.

— Não sei, não.

— Quantos você me dá?

— Não sei dizer.

— Pois eu tenho 98.

— Verdade?

— Ana Lúcia está? Sou a mãe dela.

— Um minutinho. Vou já chamar.

Fiquei irritada ao te ver na sala de casa. Será que você não se dá conta de que não pode mais sair desacompanhada? De que você põe a sua vida em risco? Veio de táxi sozinha!

— Da próxima vez que você vier aqui sozinha, eu te mando de volta. Não faz isso de novo!

Você não ligou para o que eu disse e, antes mesmo que eu protestasse, me cobrou com uma pergunta.

— Por que você não foi ao enterro da minha amiga? Telefonei para sua casa e ninguém atendeu. Fiquei o tempo todo sozinha no velório. Você sabia do enterro... o filho dela te avisou.

— Verdade, eu sabia. Não fui, não pude ir. A reunião durou mais do que eu imaginava. Mandei uma carta para o filho da sua amiga.

— E a carta diz o quê? Quero ver se você foi mesmo capaz de consolar o menino.

— “Sei do luto, da tristeza. Mas a sua mãe não deixou de existir porque deixou de viver. Você nunca vai se esquecer dela.”

Você se satisfaz, dizendo-se talvez que eu nunca me esquecerei. Mas a vida será mais fácil depois que você não estiver. Não vou ter medo de que algo de ruim te aconteça.

Ao sair da minha casa, você tropeçou na soleira da porta e só não caiu porque a empregada te segurou. Ainda bem que você a seduziu ao entrar. O

tropeço, aliás, nada significou para você, que se apurou e foi embora. Ou por nem ter se dado conta do tropeço ou por ter tirado de letra.

Não sei bem o que devo pensar do ocorrido. Conte para o meu irmão.

— Por que você não respeita a liberdade da mãe?

— Mas a que liberdade você se refere? À de tropeçar, cair e se machucar?

Como pode o meu irmão não enxergar a realidade? Não vê que você pode fazer mal a si mesma. Temo inclusive que o seu verdadeiro problema seja falta de crítica. Você não percebe que já não tem condições de ir e vir. Ou tem e eu estou enganada? Já caiu inúmeras vezes. Ao sair, pode ser atropelada e, até mesmo, numa cidade como a nossa, sequestrada. Se isso acontecer, como fico eu quando for chamada para te socorrer? Você caída no meio da rua... a perna esmigalhada. Você nas mãos de um sequestrador... Como fico eu, se tiver que negociar com o bandido?

— Alô? O quê? Foi sequestrada? Não é comigo, eu não estou aqui... passe bem.

Você não dá sossego. Só mesmo se eu pudesse te amarrar e, provavelmente, nem assim, porque você encontraria um modo de escapar ao meu controle.

Ontem, você chegou em casa sem aviso prévio. Hoje, fez isso no escritório, entrou sem se perguntar se podia ou não, e, com a sua simples presença, suspendeu uma reunião de advogados que havia apenas começado por ter certeza de que a filha deve estar para você.

Você considera que é um direito chegar sem mais nem menos, pois sempre esteve disponível. Só não digo que não pedi para nascer por ser um absurdo e, sabendo que você não tem crítica, não posso te responsabilizar pelos seus atos.

À mesa, quer ser servida como bem entende. Exige que eu acrescente sal e vinagre numa salada já bem-temperada. Mais que isso, ponha quatro colheres

de açúcar no seu café. O médico? Ora ...

— Tanto açúcar assim?

— Não aborrece. Quatro colheres, eu já disse. Por que você se preocupa? Me deixa em paz. Passa o açucareiro.

Passo, considerando que não foi graças ao médico que você chegou aos 98 anos e que você sempre foi de bater o pé, embora a batida agora seja diferente... descontrolada, impulsiva. Winston Churchill depois da queda...

Pensando bem, não foi por acaso que a imagem do primeiro ministro me ocorreu. Churchill venceu a dificuldade de falar e se tornou um grande orador. Ninguém se esquece dos discursos que mantiveram o povo britânico coeso durante a Segunda Guerra. “Nada tenho a oferecer se não suor, sangue e lágrimas... Jamais capitularemos.”

Como o ministro — guardadas as proporções —, você não parou de se superar. Tem uma confiança inabalável em si mesma e se distingue pela capacidade de vencer obstáculos e resistir.

Queria porque queria se casar com meu pai. Alegando os muitos anos de que ele precisaria para se formar, sua mãe insistiu para você mudar de rumo. Como as amantes clássicas, você respondeu que podia esperar o tempo que fosse, pois o noivo era tão único quanto o seu amor por ele. Venceu por ser capaz de um amor maior do que a vida.

Resistiu depois à morte do amado, conferindo a ele o dom da ubiquidade. Onde quer que você esteja, ele está com você. Por isso talvez me peça para ficar sozinha... sozinha com o amado certamente, de mãos dadas no cinema, dançando tango em Buenos Aires, ouvindo Piaf cantar *La vie en rose. C'est lui pour moi/ moi pour lui dans la vie/ il me l'a dit m'a juré pour la vie.*■

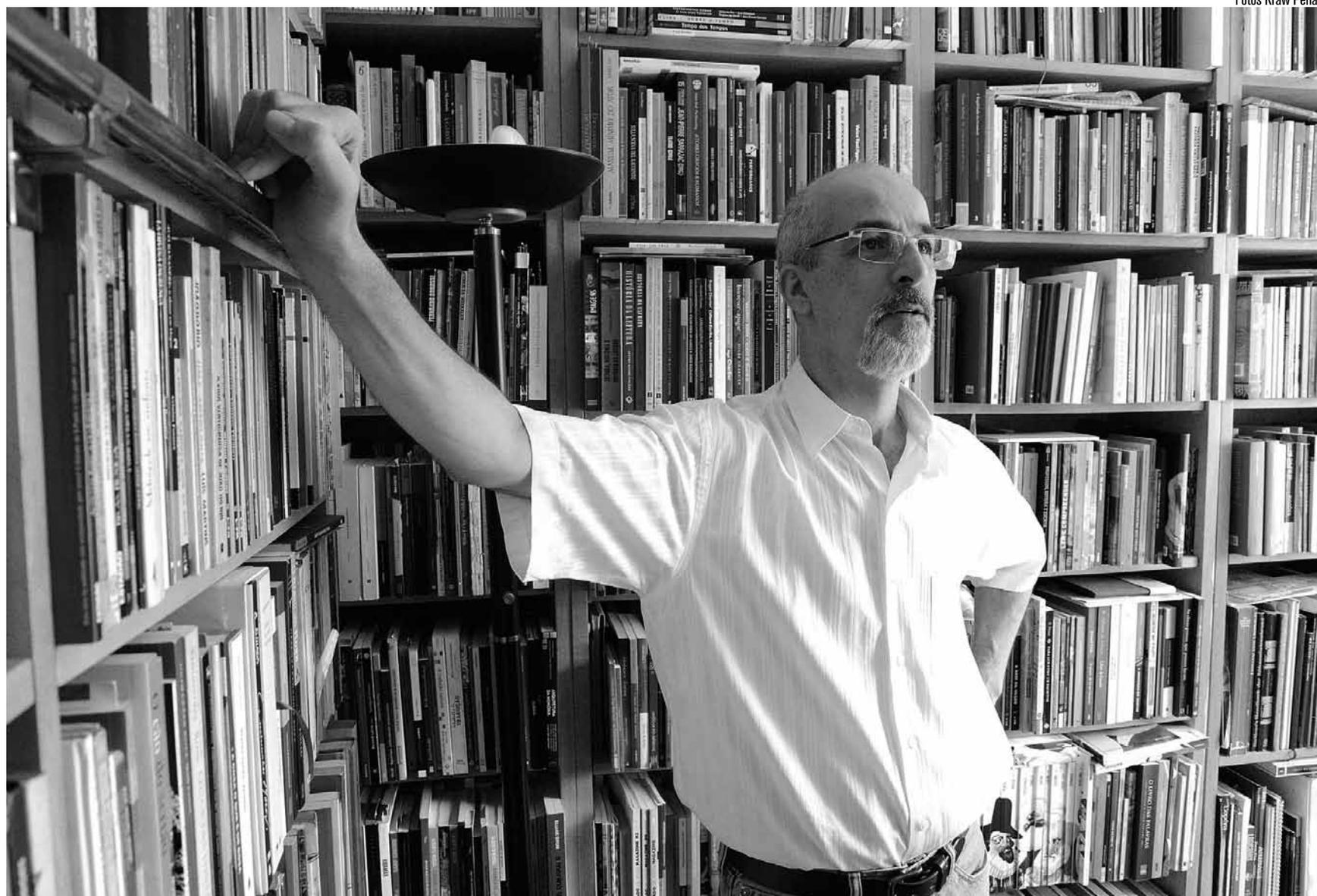


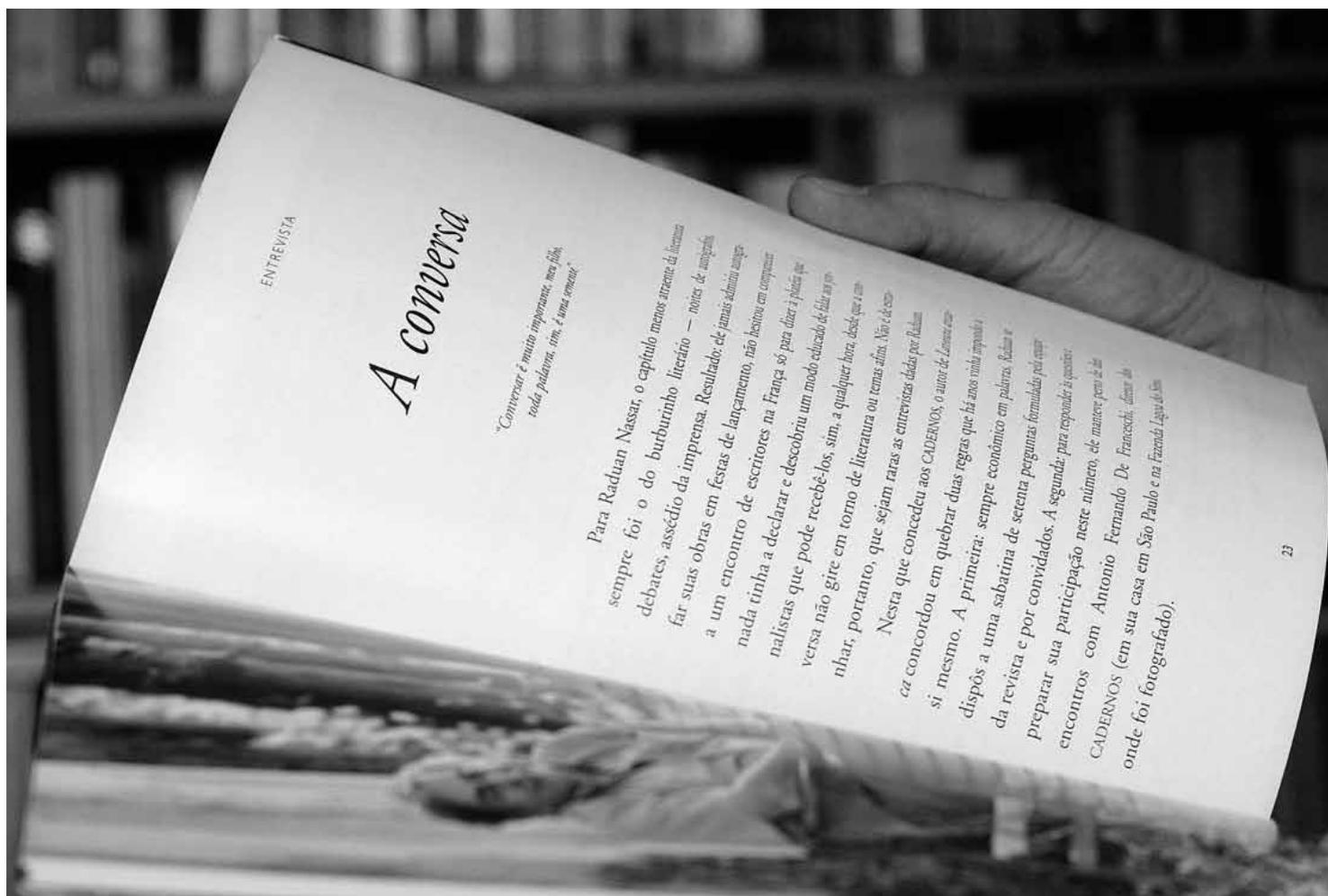
# Ciclos de leitura

Formada principalmente por obras literárias, a coleção de livros de Flávio Stein também revela as fases de sua vida, que inclui passagens pela música, pelo teatro e, recentemente, o envolvimento em projetos com o ato de ler

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Fotos Kraw Penas





**D**os 11 mil livros do acervo de Flávio Stein, 5 mil ele herdou do pai, Milton de Lima Souza (1925-1999) — poeta que publicou 3 livros e deixou mais de 20 obras preparadas para edição, conteúdo que continua inédito. Além disso, o pai dele foi proprietário de uma livraria em São Paulo. “Meu vínculo com a leitura diz respeito à proximidade que meu pai tinha com os livros”, diz Stein, 54 anos, paulistano radicado em Curitiba desde a década de 1980.

Apesar de poeta, o pai não determinava que Stein lesse, por exemplo, poesia ou qualquer outro gênero literário. No momento, ele está interessado em contos. Desde 17 de novembro

do ano passado, coordena um programa de rádio exibido diariamente, às 9h e às 15h, pela curitibana Lumen FM 99.5. No “Leitura viva”, lê — durante 90 segundos — trechos das obras de autores contemporâneos, sobretudo prosadores brasileiros: de Ivana Arruda Leite a Sidney Rocha, de Assionara Souza a João Anzanello Carraschoza.

O programa de rádio é um desdobramento de outros projetos de leitura — por exemplo, declamação de contos em voz alta em bairros de Curitiba — que Stein desenvolve há alguns anos. Após concluir, em 2008, o Bacharelado em Português/Alemão na Universidade Federal do Paraná, entrou — em seguida

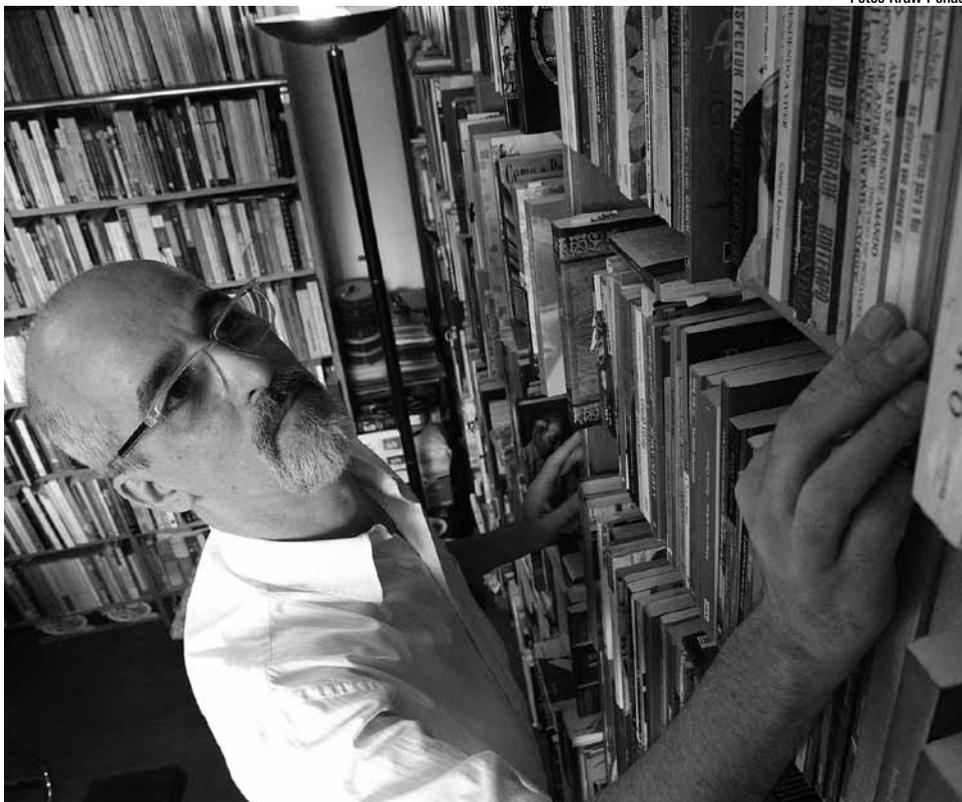
— no Mestrado em Letras, também na UFPR, com a finalidade de apresentar uma dissertação, defendida em 2011, a respeito de processos de leitura. “Pesquisei a história da leitura e o efeito que ela [leitura] tem na vida das pessoas.”

Devido a esse interesse, parte das prateleiras da biblioteca de Stein exibe títulos como *Uma história da leitura*, de Albert Manguel, e *Pensar a leitura: complexidades*, organizado por Eliana Yunes. “Mas o que mais tem na minha coleção são obras literárias”, observa Stein, que — recentemente — se encantou com a ficção de Altair Martins e, em um futuro não muito distante, gostaria de ganhar uma bolsa para estudar a obra de Guimarães Rosa.

Stein analisa que os títulos da biblioteca podem revelar fases de seu percurso. Na década de 1980, atuava como músico e, daquele contexto, há títulos como *O ouvido pensante*, de Murray Schafer. O teatro foi prioridade nos anos 1990 e, portanto, essa fase pode ser revisitada pelos muitos livros de e sobre dramaturgia. Entre um ciclo e outro, deixou várias obras à espera de leitura — além dos volumes que adquire toda semana. Não leu e sabe que dificilmente vai ler todo o acervo. Até porque, há 5 anos, a filha Isadora também é prioridade. “As leituras dependem de como organizo o meu dia. E, nesse momento, tenho alguns projetos e, enfim, há muito por fazer.” ■

# NA BIBLIOTECA DE FLÁVIO STEIN

Fotos Kraw Penas



## Mundos de vidro (1991), de Alessandro Baricco

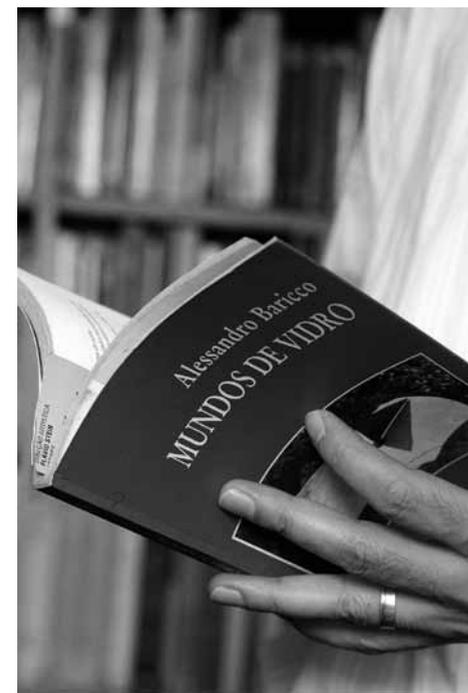
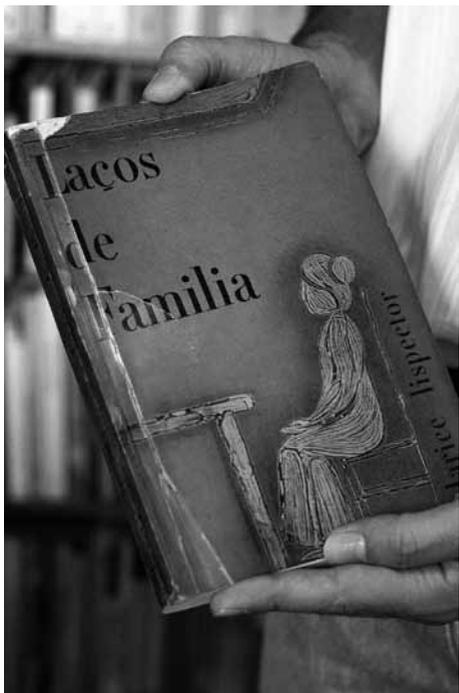
Na infância, fui leitor de contos de fadas e, por isso, *Mundos de vidro*, romance do Alessandro Baricco, me toca tanto: trata-se de uma narrativa que dialoga com o universo fantástico. No entanto, esse autor italiano também me impressiona pelo fato de ter sido o primeiro a mostrar, pra mim, nuances musicais em uma narrativa elaborada com palavras. Percebi avanços, recuos e outros efeitos musicais na prosa incomparável de Baricco.

## A arte cavalheiresca do arqueiro zen (1995), de Eugen Herrigel

Em determinado momento da vida, eu estava em busca de informações para me aprimorar como flautista e, então, encontrei *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*. É uma obra de não-ficção escrita por um alemão, professor de filosofia, que traz reflexões e tópicos do pensamento zen budista. Aprendi com o livro, por exemplo, como melhorar a respiração e, de uma maneira geral, a obra foi fundamental em minha trajetória.

## Cadernos de literatura brasileira (1996), de Raduan Nassar

Já havia lido *Um copo de cólera* (1978) e *Menina a caminho* (1994), dois textos maravilhosos, mas a longa entrevista de Raduan Nassar, publicada pelo Instituto Moreira Salles, é um dos melhores textos sobre literatura que li em minha vida. O Raduan Nassar deixa claro que a relação de uma pessoa com a literatura sempre é pessoal. Ninguém precisa, por exemplo, cursar Letras ou fazer mestrado para ler uma obra ou autor. Essa entrevista é libertadora!



## A literatura na poltrona (2007), de José Castello

No fim da década de 1990, coordenei um evento ligado a livros, realizado num pavilhão do Parque Barigui, em Curitiba, e, naquela situação, conheci o José Castello. Desde então, somos amigos e dialogamos sobre literatura. Sou leitor de tudo o que ele escreve, ficção e textos publicados em jornal e revista. Sempre retorno a esse *A literatura na poltrona*: o livro traz reflexões sobre o ato da criação, entre outros temas.

## Esperando Godot (1976), de Samuel Beckett

Tenho apreço pela tradução do Flávio Rangel, publicada na Coleção Teatro Vivo, da Abril Cultural. *Esperando Godot* é uma leitura dos meus 18 anos, quando eu estava muito envolvido com o teatro. Em 2008, dirigi uma montagem de *Esperando Godot*, com Mauro Zanatta e Rosana Stavis no elenco, que ficou em cartaz no Guairinha, em Curitiba. Sempre que tenho a oportunidade, gosto de ver encenações deste texto que, em um primeiro momento, li como se fosse literatura.

## Amores mínimos (2011), de João Anzanello Carrascoza

Costumo ler a obra dele em voz alta em rodas de leitura. *Além de Amores mínimos*, o Carrascoza tem outros livros instigantes, por exemplo, *Aos 7 e aos 40* (2013) e *Caderno de um ausente* (2014). Ele revela cuidado com a escrita, além de tratar dos relacionamentos, seja de pai e filho ou marido e mulher. Me identifico com a obra do Carrascoza e sei que a literatura dele dialoga com muitos leitores.

## A porta aberta (1999), de Peter Brook

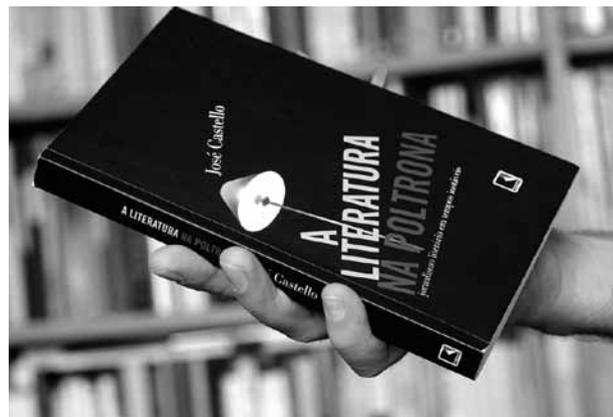
A obra que revela os processos do dramaturgo inglês, seja como ele seleciona uma peça que vai dirigir ou mesmo de que maneira consegue que o elenco realize uma performance mais intensa. Ler Peter Brook renova o olhar para o teatro e para a vida. A partir da leitura desse livro, comecei a refletir com profundidade a respeito do que posso fazer quando entro em cena em público, por exemplo, num palco.

## As paixões do ego (2000), de Humberto Mariotti

Em grande parte da vida, trabalhei em grupo, por exemplo, na música e no teatro. E isso não é fácil. Ao contrário. Por isso, ler *As paixões do ego*, de Humberto Mariotti, psicoterapeuta e coordenador de atividades de grupo, ajuda a refletir sobre a complexidade de quem vive e atua em coletividade.

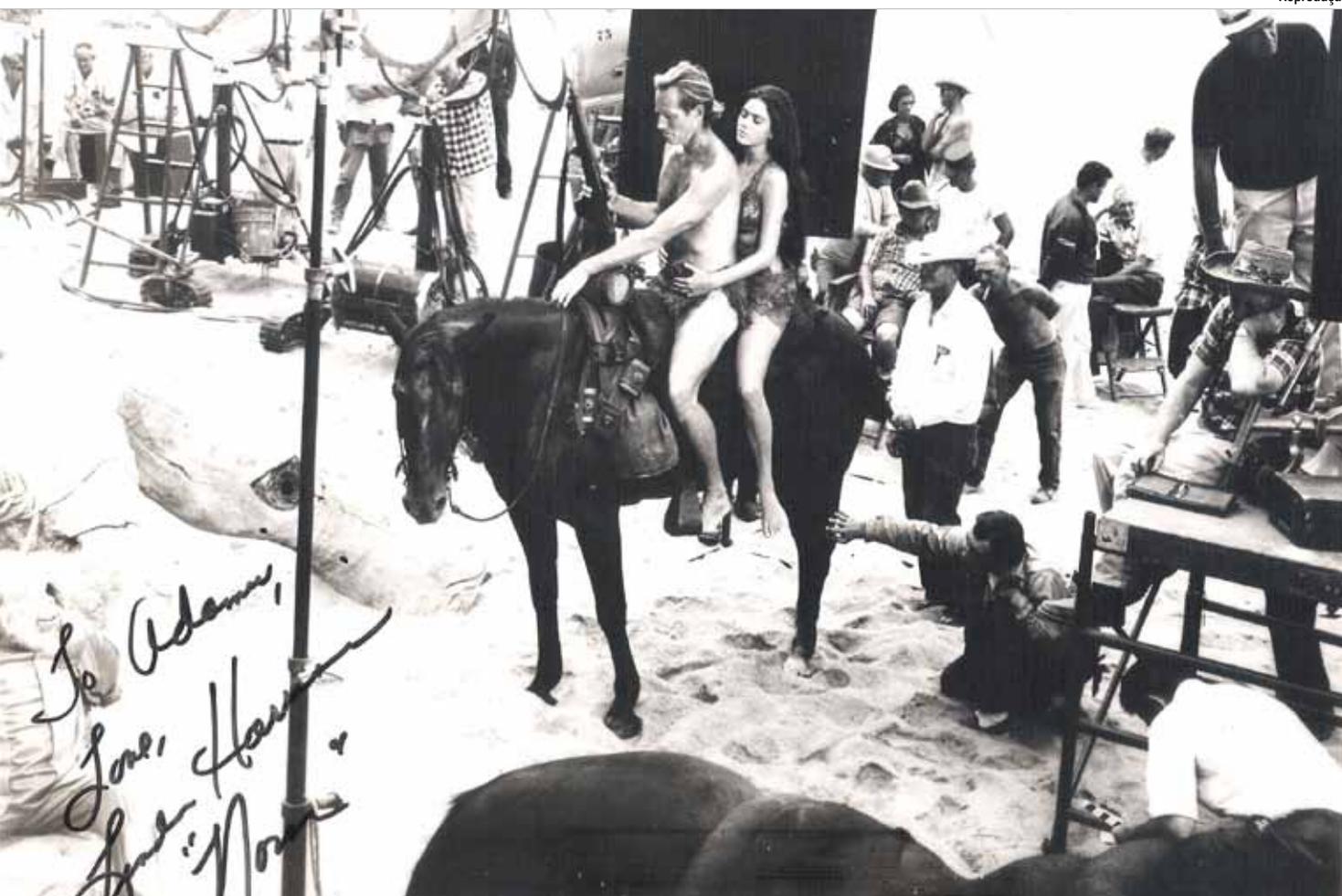
## Laços de família (1960), de Clarice Lispector

É uma raridade do meu acervo. Trata-se de uma edição com autógrafo, de 27 de julho de 1960, que a escritora dedicou ao meu pai, Milton de Lima Souza (1925-1999), em sessão de lançamento realizada em São Paulo. Nem folheio, pelo valor histórico e emotivo. Tenho outro exemplar, editado recentemente, para reler.



# 40 anos de paixão pelo Planeta dos Macacos

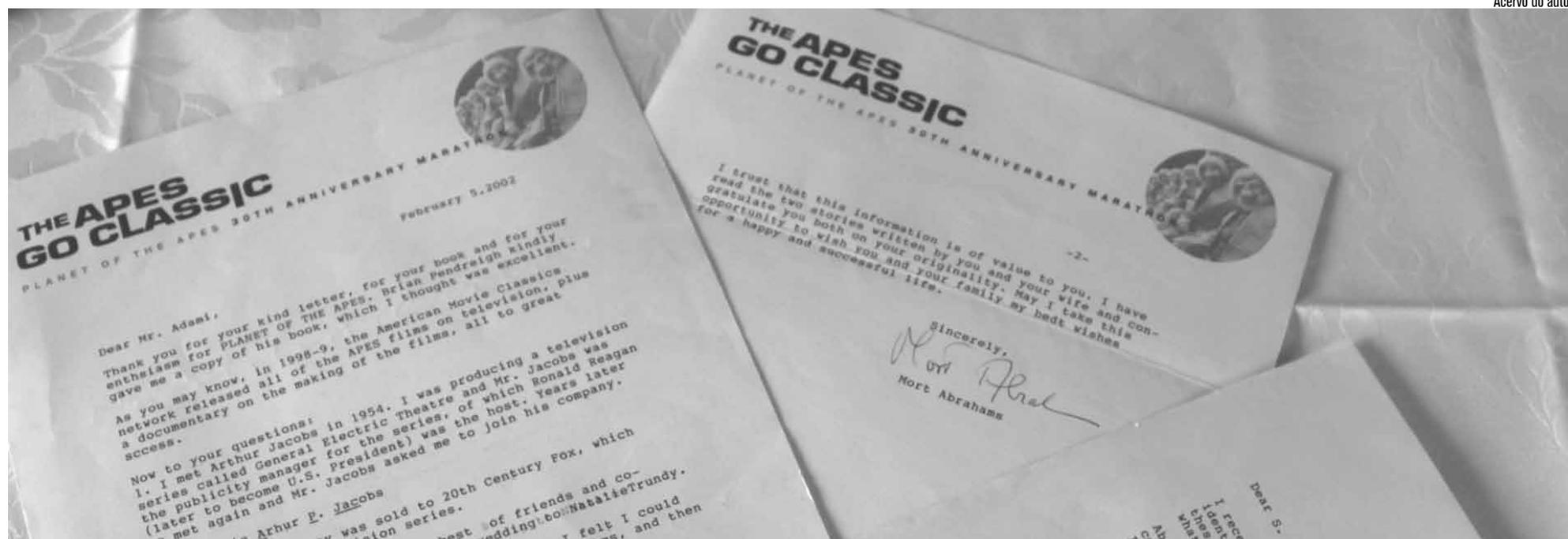
A partir do clássico de Pierre Boulle, **Saulo Adami** começou uma extensa viagem ao universo ficcional de Planeta dos Macacos. O escritor radicado em Curitiba conta como essa paixão deu origem a *Homem não entende nada!*, livro lançado recentemente e que reúne material coletado em quatro décadas de pesquisa



Reprodução

**M**inha avó materna Ema Fornari Conte era benzedeira. Foi ela quem disse à minha mãe assim que nasci que eu seria escritor. Aos 3 anos de idade, escrevia com água, carvão e giz nas paredes da casa-venda de meus pais. Na Escola Municipal Luiz Silvério Vieira — no Arraial dos Cunhas, no interior de Itajaí, Santa Catarina —, quando a professora Eleta Raimondi Pinto perguntava o que eu queria ser quando crescesse, respondia: “Quero ser escritor”. Aos 9 anos, escrevi os primeiros textos — crônicas e contos —, aos 10 montei a primeira peça teatral com colegas da escola e assisti na TV preto e branco o filme *O planeta dos macacos* (*Planet of the Apes*, 1968), de Franklin J. Schaffner.

Foi amor à primeira vista. O filme reunia os meus atores favoritos: Roddy McDowall, Kim Hunter e Charlton Heston; o diretor dos filmes que eu gostava de assistir, e o músico Jerry Goldsmith, que compôs os temas de abertura dos seriados de TV que eu



Cartas recebidas por Adami do produtor Mort Abrahams, que trabalhou nos dois primeiros filmes da série cinematográfica (1968-1970).

assistia. A maior parte destes filmes, assisti na companhia do meu avô materno, Serafim Conte. Ele tinha um grande parceiro de aventuras, seu cachorro Pió, que era da minha idade. Quando meu avô foi sepultado, em outubro de 1978, ao voltarmos para casa encontramos Pió morto: ele morreu de tristeza, pois eram amigos inseparáveis.

Passei a maior parte da adolescência estudando e escrevendo. Um guri normal, pleno de dúvidas, mas certo de que seria escritor. Mentalizava minhas experiências futuras: escrevendo livros, autografando livros... Meus pais sempre fizeram tudo para me ajudar na realização dos meus sonhos. Mesmo aqueles que não condiziam com o futuro que almejassem para mim. Procurava ajudá-los no comércio e nas plantações que meu pai fazia em um terreno do qual ele gostava muito, e ao qual chamava de *ilha*. Eu fazia o que gostava: assistia *Vila Sésamo* e *Shazan, Xerife & Cia.* na TV e lia tudo o que podia sobre os bastidores e segredos de *O planeta*

*dos macacos* e suas sequências, a sua revista em quadrinhos trazia reportagens bem interessantes.

Em 1978, comecei as pesquisas para o primeiro livro sul-americano sobre os bastidores e segredos deste filme — *O único humano bom é aquele que está morto!* (Editora Aleph/S&T Produções, 1996). Curioso de nascença, queria saber como era produzida a maquiagem dos macacos, que cidade cenográfica era aquela e, principalmente, quem havia escrito sua história original. Não tinha videocassete e nem telefone em casa. O meio de comunicação mais eficiente era a correspondência. A banca de revistas mais próxima ficava a 20 quilômetros. Escrevi para seção de cartas de revistas especializadas em cinema, algumas pessoas enviaram recortes e outros materiais, e aos poucos, em paralelo à redação do livro, montei um acervo sobre estas séries que hoje somam mais de 1.500 itens. Desde 1978, mais de 400 pessoas contribuíram com minhas pesquisas.

Criei o Cine Clube Postal Planet of the Apes Brazilian Fan Club em novembro de 1984. Dentre os correspondentes mais ativos estavam Haroldo Esteves (Rio de Janeiro), Alexandre Negrão Paladini e Eduardo Cinquini Torelli (São Paulo) e Jeff Krueger (Anaheim, Califórnia). Com recursos próprios, editei *O único humano bom é aquele que está morto!* — vendi um terreno para juntar o dinheiro necessário. Criei o fanzine *Century City News International Edition* (1985—2000) e, através da amizade com Jeff Krueger, consegui contato com atores e técnicos de *O planeta dos macacos*, a partir do lançamento do livro. Mais que isso, o livro virou moeda de troca — um livro valia xis itens — e com isso exemplares foram enviados para 23 países de cinco continentes. Recebi cartas e fotografias autografadas de três ganhadores do Oscar (o ator Charlton Heston, a atriz Kim Hunter e o maquiador John Chambers) e outras dezenas de profissionais igualmente importantes para mim.

Isso rendeu outro livro, *Diários de Hollywood: Um brasileiro no planeta dos macacos* (S&T Produções, 2008), no qual abordei minha trajetória como fã e pesquisador do tema, e a extraordinária experiência de ser transformado em um chimpanzé, nos Estados Unidos em 1999. Este privilégio devo a Jeff Krueger, que me apresentou ao ator e maquiador Bill Blake, discípulo de John Chambers.

De 1999 a 2003 fiz várias tentativas para uma segunda edição revista e ampliada de *O único humano bom é aquele que está morto!*. Ouvi ou li aquelas fantásticas respostas que deixam autores indignados: “Este assunto não faz parte da nossa linha editorial”, uma das respostas mais corriqueiras, e dentre todas a mais cretina: encaminhei para tal editora porque sabia que publicava assuntos como cinema e televisão; “Seu trabalho é muito bom!”, como se eu não soubesse; “Não temos interesse”, a mais honesta das respostas.



neste fantástico roteiro de viagens de ida e volta ao universo ficcional criado por Pierre Boulle. Hoje, assisto a este filme e faço uma viagem ao universo que George Taylor explorou pela primeira vez na tela de cinema e que guardei na memória. A projeção de um filme que não envelheceu, mas que ainda deverá render muitos outros episódios no cinema, na televisão, nos quadrinhos... e nas livrarias.

Todos nascemos com um dom. Nasci com o dom de escrever. Procu-ro honrar meu dom todos os dias, pois escrevo diariamente. Vivo profissionalmente do ofício de escrever, desde

as primeiras matérias que escrevi para jornais de Santa Catarina no início da década de 1980. Mas, não nasci pronto, fui me aperfeiçoando na prática diária da redação. Porque só aprendemos a escrever, escrevendo; só nos tornamos bons escritores, escrevendo cada vez mais, e lendo cada vez mais a produção de outros autores.

Acredito no sucesso de *Homem não entende nada!* — *Arquivos secretos do Planeta dos Macacos*, livro número 78 da minha carreira. Acredito que tenha tudo para fazer sucesso, principalmente agora que novos filmes *Planeta dos Macacos* estão sendo

produzidos e têm agitado fãs no mundo inteiro. Espero ter oportunidade de lançar edições revistas e ampliadas, por muito tempo ainda!

Em cada lançamento da obra — foram promovidas sessões de autógrafos no Paraná, em Santa Catarina, São Paulo e no Rio de Janeiro — tenho oportunidade de reencontrar e em alguns casos conhecer pessoalmente colaboradores daqueles primeiros tempos de pesquisa: quando os únicos aliados que eu tinha eram a máquina de escrever e a sessão de cartas das revistas sobre cinema. Telefone celular e internet eram realidade apenas nos filmes de ficção científica. ■

**Saulo Adami** nasceu em Brusque (SC), em 1965. Fez sua estreia no romance com *Quarto crescente* (2008). Também é autor dos romances *Palavra tardia* (2008), *Kuranda* (2010), *Kuranda do norte* (2011), *Kuranda do espaço* (2011), *Kuranda do Egito* (2012) e de outras 70 obras, em diversos gêneros, como poesia, conto e história. O próximo romance do autor, *Estradas primitivas*, será lançado em 2016. Saulo Adami vive em Curitiba (PR).



Jeff Krueger

Saulo Adami maquiado como Cornelius, trabalho feito por Bill Blake, em setembro de 1999, em Los Angeles, Califórnia.



Eliane Robert Moraes, organizadora da *Antologia da poesia erótica brasileira*: "A erótica literária brasileira continuava desconhecida, aguardando uma compilação".

# A lei do desejo

Escritores e acadêmicos tentam jogar luz sobre o erotismo — um tema inerente à arte, mas que ainda hoje continua escondido embaixo do tapete da historiografia literária brasileira

OMAR GODDY

“Imagine o que aconteceria com a Medicina se os médicos negassem atenção às muitas imundícies (física e morais) que devem considerar”, disse o poeta e crítico Dámaso Alonso (1898 – 1990), justificando a importância do erotismo na literatura. Ou seja: se a arte busca o conhecimento integral do ser humano, um elemento tão determinante quanto a sexualidade não deve ser renegado na produção literária. A historiografia brasileira “oficial”, no entanto, ainda hoje ignora o texto erótico e o fato de que muitos dos grandes autores nacionais também já exploraram esse território — de Machado de Assis a Moacyr Scliar, de Olavo Bilac a Lygia Fagundes Telles, de Carlos Drummond de Andrade a Dalton Trevisan.

Especialista no assunto, Eliane Robert Moraes, professora de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo (USP), publicou neste ano o livro *Antologia da poesia erótica brasileira*, com 255 poemas escritos nos últimos quatro séculos por autores como Hilda Hilst, Roberto Piva, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Cruz e Souza, etc. Segundo ela, a ideia de organizar o volume surgiu

de uma observação de Mário de Andrade (1893 – 1954), que nos anos 1920 já se queixava da ausência de um “erotismo literário sistematizado” no país.

“Passados mais de 80 anos dessa afirmação, a erótica literária brasileira continuava desconhecida, aguardando uma compilação. As ponderações de Mário de Andrade estão na origem do meu livro, que veio a lume para dar testemunho não só da existência de uma lírica erótica do Brasil, mas também de sua extraordinária riqueza”, explica Eliane, também autora de *O que é pornografia* (1984, com Sandra Lapeiz), *Sade — A felicidade libertina* (1994) e *O corpo impossível* (2006), entre outros estudos.

Para se ter uma ideia dessa “ausência” observada pelo autor de *Macunaíma*, o próprio poeta Gregório de Matos (1636 – 1696), considerado o pioneiro da literatura erótica nacional, só ganhou uma edição totalmente sem censura de sua obra no final da década de 1960. Mesmo no campo da prosa — teoricamente mais acessível ao leitor “comum” que o da poesia —, são poucos os exemplos de antologias disponíveis para consulta. O resultado é o desconhecimento quase total da faceta “picante” de autores consagrados como Carlos Heitor Cony, Erico Verissimo, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Marques Rebelo, Autran Dourado, Ferreira Gullar, Murilo Rubião.

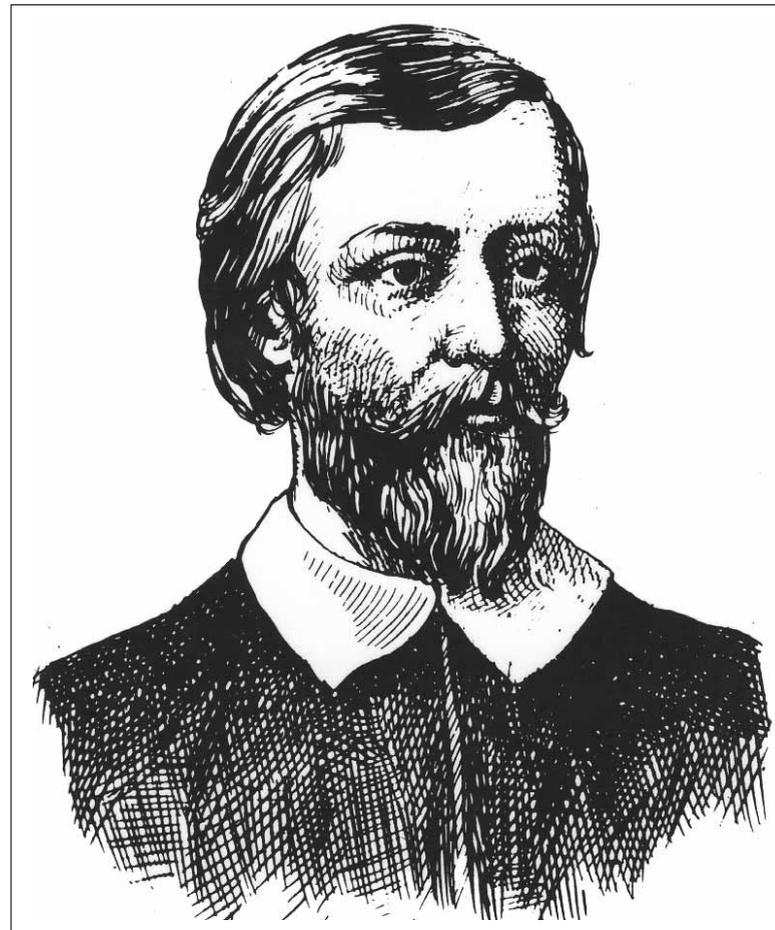
Estariamos, então, diante de mais uma das várias contradições nacionais? O país da sensualidade e da malícia não conhece a própria produção literária erótica? “Ainda somos um país conservador, e vai demorar muito para vencermos esse conservadorismo, apesar de a televisão, o cinema e as outras artes em geral estarem ouzando mais”, afirma o escritor sergipano

Antonio Carlos Viana, autor de livros como *Aberto está o inferno* (2004), *Cine Privê* (2009) e *Jeito de matar lagartas* (2015), todos marcados pela descrição de cenas sexo em suas páginas. “Quando um escritor ousa demais, até alguns críticos lhe torcem o nariz. Já ouvi alguém tachar *Nada a dizer* (2010), de Elvira Vigna, como pornográfico só porque tem palavrão”, completa.

A separação entre erotismo e pornografia parece ser mesmo um entrave na compreensão da sexualidade na arte. Mas apenas para o grande público, como aponta Eliane Robert Moraes. “Para o senso comum, o pornográfico é o que ‘mostra tudo’, enquanto o erótico é o ‘velado’. Contudo, para o estudioso do erotismo literário, essa distinção é falsa, moralista. A rigor, livros como os do Marquês de Sade, Georges Bataille, Glauco Mattoso ou Reinaldo Moraes são muito mais obscenos do que a pornografia comercial de uma Bruna Surfistinha ou de uma E. L. James [autora do best-seller *Cinquenta tons de cinza*]”, diz.

“Não é só no erotismo. Desde os livros infantis até a ficção científica, tudo neste país é tímido, carece de ambição, subversão e coragem”,

Marcelo Mirisola



Gregório de Matos (1636 – 1696), pioneiro da literatura erótica nacional, só ganhou uma edição totalmente sem censura de sua obra no fim dos anos 1960.

Para Eliane, a diferença não está no grau de obscenidade, e sim na composição formal. “O valor de um texto nunca se mede por sua moralidade, mas por sua qualidade estética. Hoje, mais do que nunca, é preciso avaliar a qualidade, pois há muitos textos que só fazem banalizar o erotismo e não acrescentam nada à nossa experiência humana”, afirma. Antonio Carlos Viana concorda: “Há momentos em que as duas coisas se confundem mesmo. Porém, ninguém lê um livro pensando: ‘Isto aqui é erótico,

isto aqui é pornográfico’. O importante é envolver o leitor e mostrar-lhe que há uma dimensão no erotismo ou na pornografia que é salvadora”.

Mas há quem simplesmente não veja o erotismo como um gênero literário. É o caso do escritor paulista Marcelo Mirisola. “Erotismo, e até mesmo pornografia, equivale a sugestão, daí que eu não acredito num gênero. O potencial erótico das cunhadinhas de Nelson Rodrigues, por exemplo, é infinitamente maior do que o ramerrame da



Divulgação

Para o escritor Marcelo Mirisola, o “potencial erótico” da obra de Nelson Rodrigues é maior do que o de autores realmente pornográficos.

Adelaide Carraro [escritora que entre as décadas de 1960 e 1980 vendeu milhares de exemplares de “subliteratura pornô”], afirma o autor de romances como *Joaquina a contragosto* (2005) e *Memórias da sauna finlandesa* (2009).

Márcia Denser, que inclusive já foi tema de trabalhos acadêmicos com foco no erotismo de sua ficção, também rejeita o rótulo. “Existe literatura erótica? Existe pornografia, há um mercado para isso. Em qualquer país do mundo e em todas as épocas, inclusive para grandes escritores que estejam em dificuldades financeiras”, diz a autora de *O animal dos motéis* (1981), *Exercícios para o pecado* (1984) e *Diana caçadora* (1986), entre outros títulos. Ela se queixa de ter recebido o carimbo de “escritora erótica” por questões comerciais. “Não sou escritora erótica, nem faço

literatura erótica. Faço literatura, ponto.”

### O poder da sugestão

Antonio Carlos Viana acredita que produzir textos eróticos é uma das tarefas mais difíceis para um escritor. Segundo ele, uma cena de sexo interessante deve, acima de tudo, ser necessária ao contexto da obra. “Muitas vezes, você pode fazer simplesmente uma alusão à cena e nada mais. Existe conto mais erótico do que ‘Missa do Galo’, de Machado de Assis? Tudo ali é apenas sugestão, mas o clima erótico envolve as duas personagens de tal forma que até parece sonho.”

Paulo Venturelli, escritor e professor aposentado do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), usa outro exemplo “macha-

diano” de elaboração literária a serviço do erotismo. “No conto ‘Uns braços’ há uma intensidade humana desesperada do desejo que fica apenas insinuada, nas entrelinhas. Aí o erotismo é ‘real’. Há um véu sobre os fatos narrados, mas este véu é rompido pela perícia do narrador e pela do leitor, que, se for inteligente, vai perceber o fogo do desejo queimando naquela carne”, explica. Venturelli também destaca a força de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Em especial, a sequência em que o jagunço Riobaldo cheira o pelego do amigo Diadorim. “Isso vale por um transa infernal. É a cena mais erótica que conheço no século XX”, opina.

Viana ainda ensina que um dos cuidados a serem tomados pelo escritor é esquecer o perfil de quem vai ler a obra.

“O valor de um texto nunca se mede por sua moralidade, mas por sua qualidade estética. Hoje, mais do que nunca, é preciso avaliar a qualidade, pois há muitos textos que só fazem banalizar o erotismo e não acrescentam nada à nossa experiência humana”,

Eliane Robert Moraes

“Não importa que seja um jovem ou um velho. O que importa é que a linguagem seja aliciadora, que o cativa a cada palavra colocada, transportando para algo que ele conhece, mas nunca viu escrito daquele jeito”, diz. Viana, no entanto, considera que um traço comum da produção brasileira dita erótica é justamente um certo receio de assustar o leitor. “Poucos o afrontam”, lamenta. Marcelo Mirisola vai além e aponta o dedo para todos os gêneros literários. “Não é só no erotismo. Desde os livros infantis até a ficção científica, tudo neste país é tímido, carece de ambição, subversão e coragem.”

Escritor e professor de Literatura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Rinaldo de Fernandes não vê tanta autocensura nos autores nacionais. “Quando a cena exige o erótico, e este

Reprodução



Roberto Piva: uma das principais referências na literatura homoerótica brasileira.

Reprodução



Em *Grande sertões: veredas*, Guimarães Rosa explora a tensão sexual entre os personagens Riobaldo e Diadorim.

erótico é funcional, há sempre bons e excelentes momentos. Nossos escritores seguem fazendo uma literatura com uma linguagem desabrida, direta, sem bloqueios e até agressiva, a depender da situação narrada”, garante o organizador da coletânea *50 versões de amor e prazer*, que reúne contos eróticos de 13 escritoras brasileiras (entre elas Márcia Denser, Ana Miranda, Ana Paula Maia, Luisa Geisler e Juliana Frank).

O problema, de acordo com Fernandes, está nas “instituições” e em quem as comanda. Como o juiz do município fluminense de Macaé que proibiu a exposição sem lacre dos livros de E. L. James e de *50 versões...* nas livrarias da cidade. “Creio que os tabus não caíram para todos, ainda há muitos moralismos por aí. O erotismo ainda choca, sim.

A sociedade brasileira é mais conservadora do que imaginávamos. Vemos isso atualmente nas ruas do país, com pessoas pedindo a volta da ditadura”, compara.

Eliane Robert Moraes também não acredita no fim total dos tabus. Prefere dizer que eles mudaram, diversificaram-se e adaptaram-se aos novos tempos. “A bem da verdade, não creio que a vida em sociedade seja possível sem a observação de proibições. De outro lado, não há dúvida de que a capacidade de choque diante de um texto obsceno é, hoje, bem menor que nos tempos vitorianos”, diz. E completa: “Seja como for, tendo a pensar que a fabulação erótica, por sua própria natureza, sempre encerra um desafio aos tabus sexuais”. ■

# Outros olhares

OMAR GODDY

Divulgação



Hilda Hilst é autora de extensa obra, que dialoga com a temática erótica.

Quando o assunto é a literatura erótica produzida por autoras brasileiras, dois nomes costumam vir à mente de imediato: Hilda Hilst (1930 – 2004) e Cassandra Rios (1932 – 2002). Mas as semelhanças entre elas não vão muito além da nacionalidade, do ofício e da inclinação para a transgressão. Enquanto a primeira é apontada pelos estudiosos como uma das mulheres mais importantes da literatura brasileira, a segunda conheceu o sucesso de público, chegando a vender 300 mil exemplares por ano de seus livros.

Paulista de Jaú, Hilda publicou cerca de 40 títulos, entre prosa, poesia e dramaturgia. Seus volumes foram lançados em tiragens pequenas, mas de alcance suficiente para que ela conquistasse prêmios e o respeito da crítica e da academia. Não à toa, obras como *Tu, não te moves de ti* (1980) e *Rútilo de nada* (1993) frequentemente aparecem em listas de melhores livros brasileiros de todos os tempos.

Também paulista, mas da capital, Cassandra (cujo nome verdadeiro era Odete) fez fama sob o signo da controvérsia. Homossexual assumida, lançou mais de 35 romances, escritos de forma

direta e explícita. Tachada de pornográfica, foi duramente perseguida pela ditadura militar, que proibiu praticamente toda a sua obra durante os anos 1970. Sua lista de best-sellers inclui vários livros com títulos sugestivos, como *Nicoletta ninfeta* (1950), *Tara* (1975), *Carne em delírio* (1976) e *O prazer de pecar* (1979).

“Não consigo ver Cassandra Rios como autora de livros eróticos. Pelo que me lembro, seus livros eram maçantes, sem um bom trato com a linguagem. Hilda Hilst, sim, aventurou-se sem peias nem meias palavras, e criou livros hilários sem se descuidar da linguagem”, diz Antonio Carlos Viana. Para Rinaldo de Fernandes, Cassandra foi uma espécie de E.L. James (autora de *Cinquenta tons de cinza*) de seu tempo, ao lado da menos lembrada Adelaide Carraro. “Mas ela também foi uma personalidade muito censurada. Num contexto fechado, de extremo moralismo, ela trazia personagens desejosas, quentes em suas tramas”, comenta.

Para Paulo Venturelli, Hilda Hilst cansou de não ser lida e “apelou” para temas mais provocativos, mas nunca perdeu a categoria. Já Cassandra

nem deveria ser levada em conta. “Uma autora que merece menção é a Ana Cristina César”, indica.

Eliane Roberts lembra que, de forma geral, o mundo ocidental só viu o surgimento de publicações de autoras femininas no final do século XIX — o que também aconteceu no Brasil, mas de forma ainda mais tímida. Ela ainda conta que, durante suas pesquisas para a Antologia da poesia erótica brasileira, foi surpreendida pela expressiva presença de mulheres escrevendo poemas eróticos a partir da década de 1970 (Ana Cristina César, Adélia Prado, Alice Ruiz, Josley Vianna Baptista, Angela Melim).

### Homoerotismo

Se a literatura erótica brasileira produzida sob a ótica feminina começou tardiamente, a homoerótica só veio à tona há cerca de meio século. Para Eliane, a palavra-chave, aqui, é “clandestinidade”. “Ou seja, muito do que se produziu talvez não tenha chegado às mãos do público leitor, o que torna difícil qualquer afirmação a esse respeito”, diz a pesquisadora. De qualquer forma, ela destaca

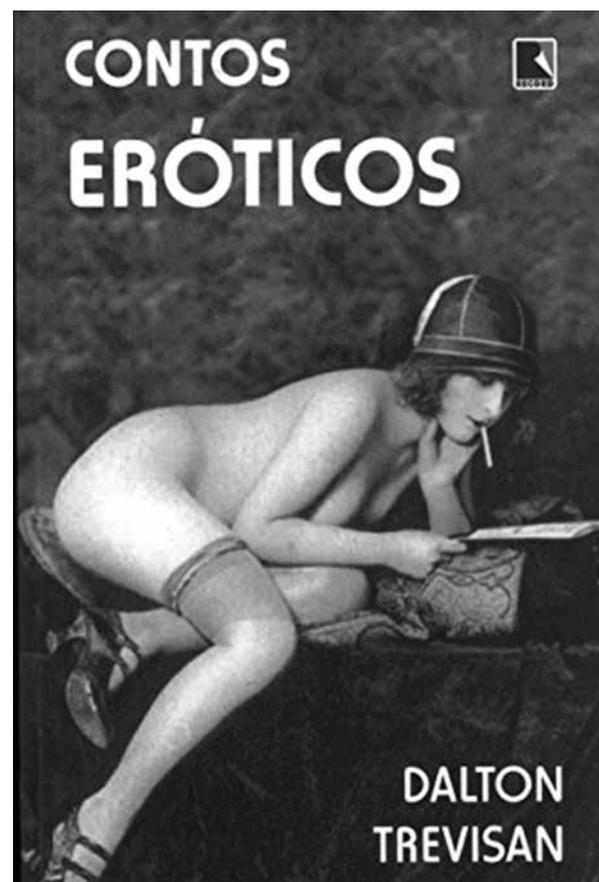
o aumento considerável do número de poetas brasileiros que se voltaram ao homoerotismo a partir dos anos 1950 — e elenca autores como Mario Faustino, Glauco Mattoso, Valdo Motta, Antonio Cicero e Roberto Piva (este último, sempre o mais citado).

No campo da prosa, Fernandes destaca o paulista João Silvério Trevisan e, principalmente, o gaúcho Caio Fernando Abreu. “Seu conto ‘Sargento Garcia’, além de explorar o erotismo homossexual, conta com um pano de fundo histórico importante [o período da ditadura militar]”, observa. Venturelli cita João Gilberto Noll, Bernardo Carvalho e Marcelino Freire. “Suas obras, ao tocar na questão do homoerotismo, sempre atingem um lirismo de alta voltagem”, afirma.

Viana ainda lembra de Adolfo Caminha, autor daquele que muitos consideram “o primeiro romance homoerótico do mundo”: *Bom-crioulo* (1895), sobre o relacionamento entre dois marinheiros. “Se o erotismo já é por si só complicado, imagine uma literatura homoerótica. São poucos os nomes que se destacam. Mas quando o fazem, fazem bem”, avalia. ■

# SEXO NA ESTANTE

## CONTOS ERÓTICOS



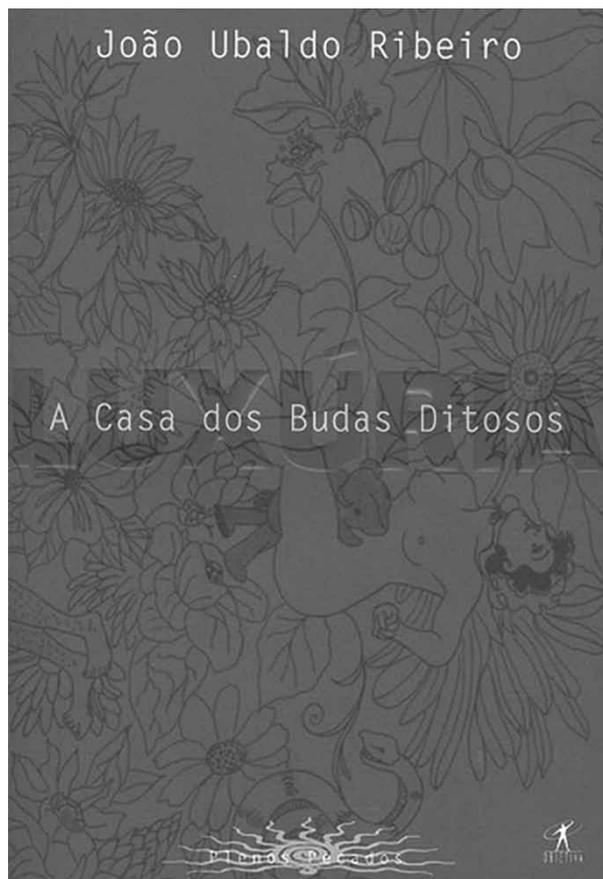
Lançado em 1984, o livro reúne 13 histórias de Dalton Trevisan marcadas pelo sexo. Com a linguagem concisa de sempre, o autor curitibano descreve situações cotidianas cruas e perturbadoras, mas sem perder de vista o humor negro. Histórias como “Dinorá, moça do prazer”, “Mocinha de luto”, “Visita à alcova de cetim” e “Lincha, tarado, lincha” são “Dalton puro”. Destaque para “Mister Curitiba”, vencedor do concurso de contos eróticos da revista *Status*, em 1976, e mais tarde incluído na antologia *As 100 melhores histórias eróticas da literatura universal*, organizada por de Flávio Moreira da Costa.

## EROTISMO NO ROMANCE BRASILEIRO/ EROTISMO NO CONTO BRASILEIRO



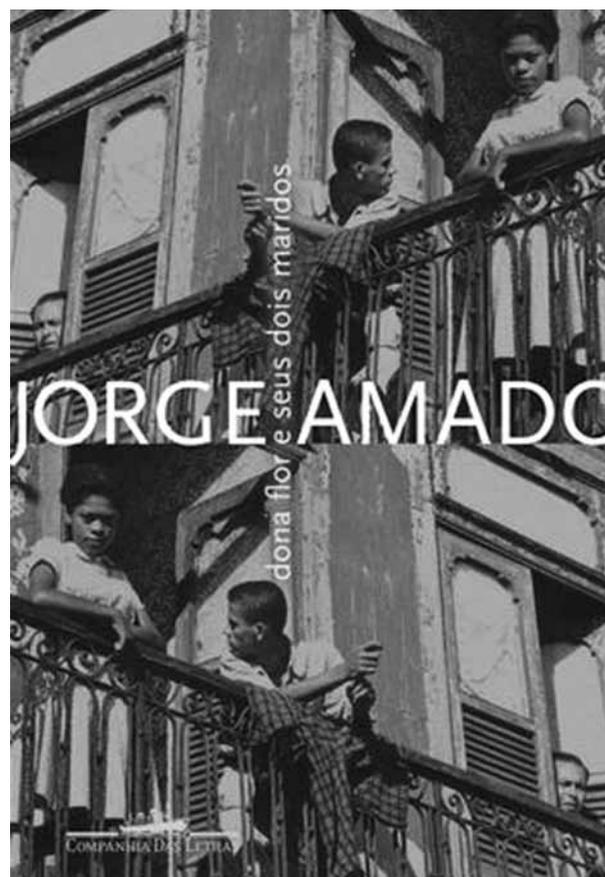
Publicados entre 1979 e 1980, os dois volumes trazem amostras da faceta erótica de autores consagrados da literatura nacional. O primeiro livro destaca trechos picantes de romances assinados por Carlos Heitor Cony, Erico Veríssimo, Fernando Sabino, Guimarães Rosa, Lúcio Cardoso, José Lins do Rego, Marques Rebelo e Lygia Fagundes Telles. Na coletânea de contos, figuram textos de Autran Dourado, Domingos Pellegrini, Mocyrl Scliar, Murilo Rubião, Salim Miguel e Orígenes Lessa, entre outros. O pesquisador, ensaísta e jornalista Edilberto Coutinho (1933 – 1995) foi o responsável pela organização.

## A CASA DOS BUDAS DITOSOS



João Ubaldo Ribeiro, morto no ano passado, produziu este romance por encomenda para uma série de livros sobre os setes pecados capitais. Acabou cravando uma das mais conhecidas obras da literatura erótica brasileira — e que ganhou sobrevida no teatro, em uma adaptação de sucesso assinada por Domingos Oliveira e estrelada por Fernanda Torres. Convidado a escrever sobre a luxúria, o autor criou uma personagem de empatia instantânea: CLB, uma senhora de 68 anos que narra, com muito humor e nenhum pudor, suas inúmeras experiências sexuais.

## DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS



A ficção de Jorge Amado já era sinônimo de exotismo e sensualidade quando este livro foi lançado, em 1966. Mas a ousadia, para a época, de descrever um triângulo amoroso “além da vida” e a partir da ótica feminina consolidou de vez a reputação erótica do autor baiano. Com várias adaptações para o teatro, a televisão e o cinema (o filme de Bruno Barreto ainda é uma das maiores bilheteiras nacionais de todos os tempos), o livro ultrapassou as 50 edições no Brasil e ganhou 19 traduções mundo afora — inclusive em búlgaro, tailandês, lituano, eslovaco e húngaro.

## A VIDA COMO ELA É



Em 1950, Nelson Rodrigues recebeu uma tarefa de Samuel Wainer, dono do jornal *Última Hora*: produzir uma nova coluna que retratasse histórias reais do cotidiano, mas com um “quê” de literatura. O autor de peças como *A mulher sem pecado* e *Vestido de noiva* aceitou o desafio e, em pouco tempo, “A vida como ela é” se tornou um dos maiores sucessos da imprensa brasileira. Adultério, desejos proibidos e relações clandestinas são os principais motes dos textos, que de lá para cá ganharam todo tipo de adaptação (teatro, tevê, radionovela, fotonovela). O volume que reúne esse material é uma porta de entrada perfeita para a obra rodrigueana.

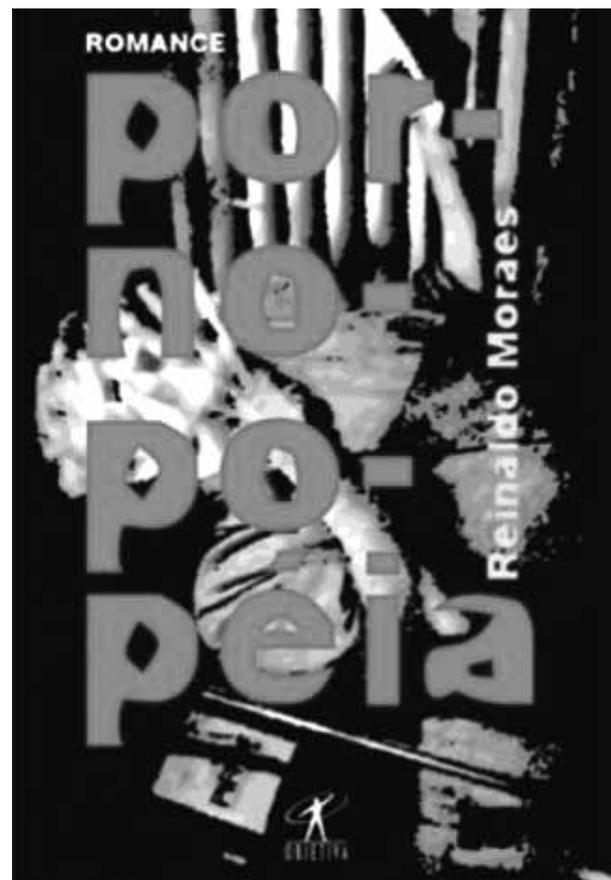
## ESTANTE

## PORNÔ CHIC



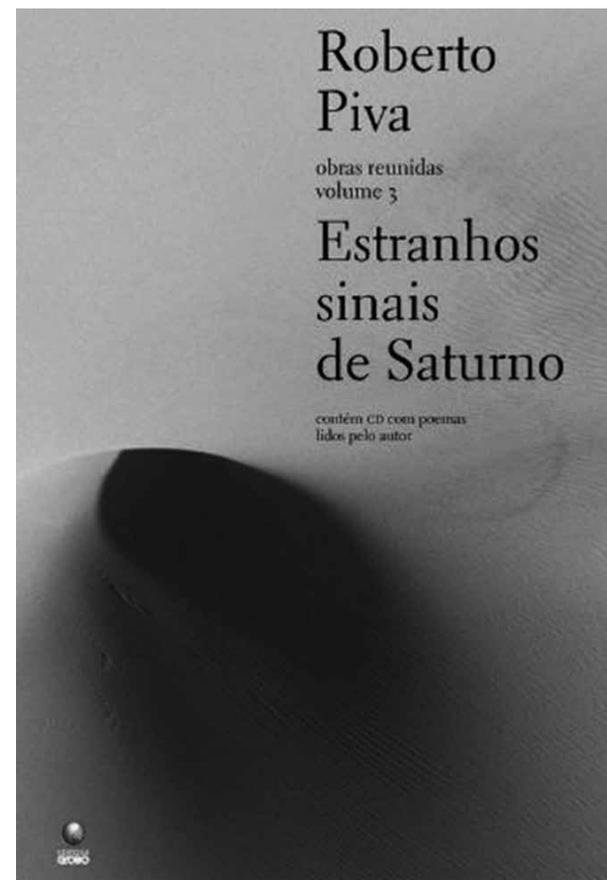
Cultuada como uma das maiores autoras da literatura brasileira, Hilda Hilst (1930 – 2004) deve boa parte desse reconhecimento à sua fase erótica. *Pornô chic* reúne justamente o material da chamada “trilogia obscena” da escritora paulista – formada pelos livros de prosa *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), *Contos d’escárnio / Textos grotescos* (1990) e *Cartas de um sedutor* (1991) –, além do volume de poemas *Bufólicas* (1992). Humor debochado, crítica social e práticas sexuais de todos os tipos permeiam os textos da autora, que jamais deixou o refinamento literário de lado.

## PORNOPOEIA



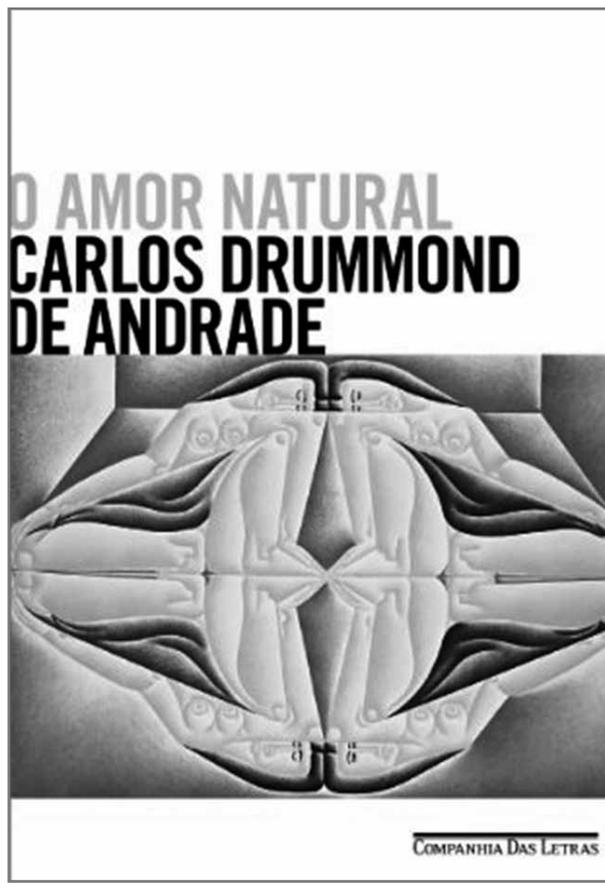
Entre os autores contemporâneos, Reinaldo Moraes é o nome mais lembrado quando se discute o sexo na literatura brasileira. *Pornopoeia*, seu romance de 2009, narra a trajetória de um ex-cineasta marginal que ganha a vida filmando comerciais de empresas desconhecidas. Ao aceitar a proposta de gravar uma campanha para um fabricante de embutidos, ele se envolve numa jornada marcada por sexo e drogas do início ao fim. Com mais de 500 páginas, o livro é um épico frenético e inovador, tanto na temática quanto na linguagem.

## ESTRANHOS SINAIS DE SATURNO



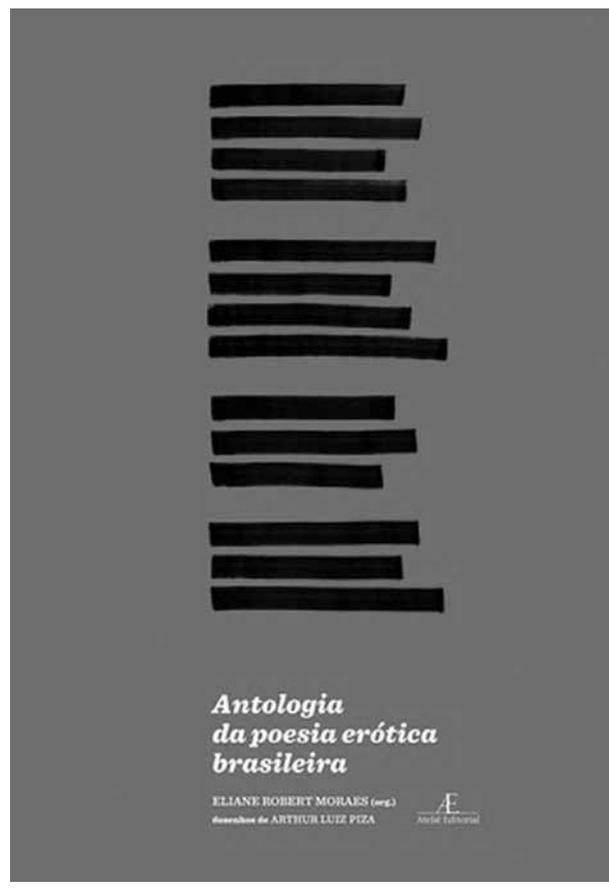
Dividida em três volumes, a coleção com as obras completas do poeta Roberto Piva (1937 – 2010) foi organizada pelo crítico Alcir Pécora, que desenvolveu um trabalho semelhante com o legado literário de Hilda Hilst. *Estranhos sinais de Saturno* é o terceiro livro da série e reúne a poesia rebelde e transcendente produzida pelo autor paulista de 1980 até 2008. Influenciado pelo surrealismo e pela geração *beat*, Piva também é uma das principais referências na literatura homoerótica brasileira.

## O AMOR NATURAL



Carlos Drummond de Andrade também explorou a sexualidade em sua literatura. Mas os leitores só conheceram o resultado dessa experiência em 1992, cinco anos depois da morte do autor, por meio desta coletânea de material erótico. São 40 poemas que não separam o sentimento amoroso do desejo carnal, cultuam o corpo feminino e muitas vezes até beiram o pornográfico. Uma surpresa para quem, ainda hoje, vê Drummond apenas como o velhinho simpático representado em uma estátua na orla de Copacabana.

## ANTOLOGIA DA POESIA ERÓTICA BRASILEIRA



Organizada pela pesquisadora Eliane Robert Moraes, especialista em literatura erótica, esta coletânea conta com 350 poemas escritos nos últimos 400 anos por escritores nacionais. Do pioneiro Gregório de Matos ao pop Arnaldo Antunes, de autores canônicos a nomes pouco conhecidos. Mas o valor do livro não está apenas na quantidade. A variedade de formatos e linguagens apresentada ao longo do volume comprova que o texto erótico é uma forma de expressão complexa e digna de atenção permanente.

um velho sociólogo diz na tevê  
que o mundo está à beira de um colapso  
que o mundo está próximo  
da terceira guerra mundial  
então estico os braços e pego a foto  
na gaveta da gente dançando tango num bar  
de Buenos Aires e guardo no peito  
no bolso interno da jaqueta  
o mundo está desabando  
mas seu sorriso me esquenta  
por dentro.

anteontem escrevi  
um poema lindo para  
você na Internet  
mas você não viu  
quase ninguém leu  
então ontem resolvi pichá-lo  
num muro da biqueira do bairro  
hoje saí cedo para trabalhar  
e vi um trator derrubando os versos  
que escrevi com o sangue quente para você.

Abandonei muitas coisas  
Sobretudo os vícios  
E os desejos de me tornar  
Coisas que nunca seria  
Abandonei muitas coisas  
Sobretudo o remorso e a mágoa  
Mas permanece  
A fissura de solicitar  
Sua amizade no Facebook  
E marcar o nome dela  
Num poema cheio de amores.



Você é um poeta carente  
Todos sabem disso  
Até seu cão com nome de anarquista sabe  
Você sabe que os melhores poetas do mundo são carentes  
E mesmo assim você acorda tateando o amor  
Acorda esticando os braços em busca de um corpo  
Mas só encontra livros de poesia espalhados na cama.

Ana passou 40 anos  
procurando a felicidade  
em outras bocas  
em outros corpos  
até que conheceu os livros  
e descobriu que a poesia  
é uma árvore que abraça  
e dá muita sombra.

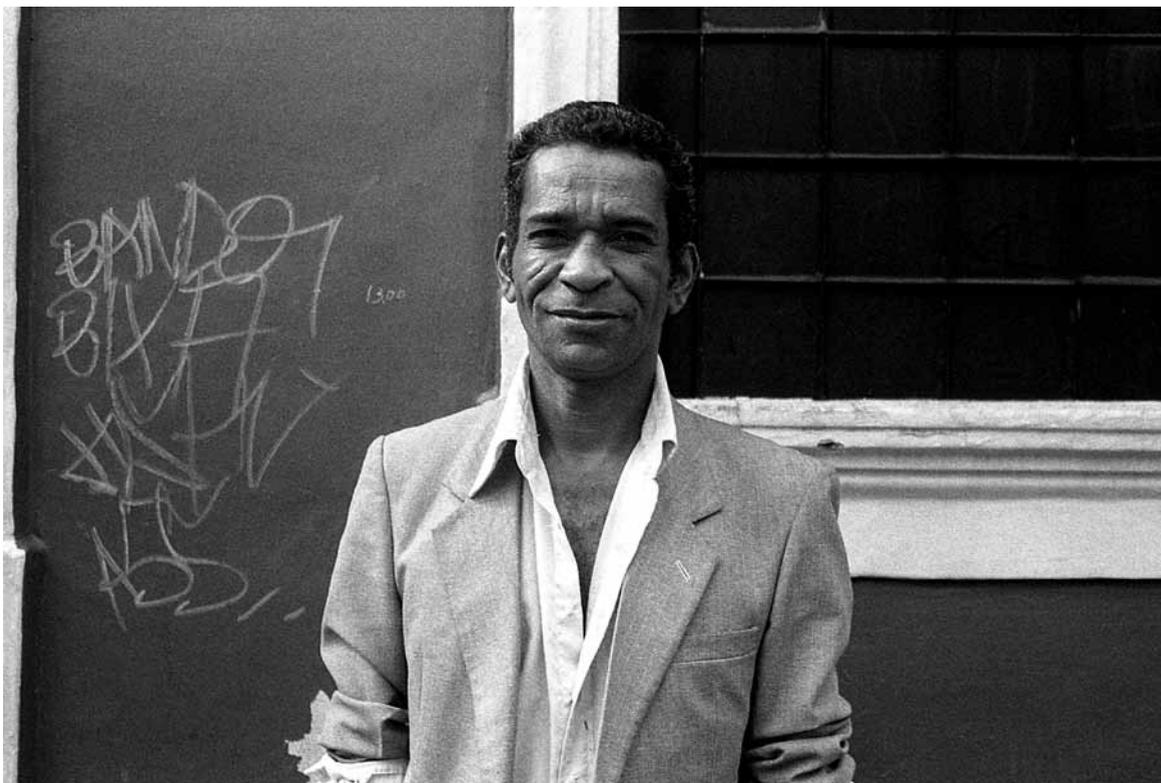
Acordei agora de um pesadelo amarelo morto  
acordei agora com o peito gélido  
onde você passa noites inteiras  
esquiando com seu walkman azul  
pendurado no bolso do jeans  
cantando músicas daquela banda slowcore  
que você tanto ama e até pregou  
um pôster na parede do banheiro  
Acordei agora para escrever algo bonito  
que lembre teu sorriso marcado  
feito gado premiado dentro do meu coração  
Acordei agora para fumar  
então abri a janela do quarto e pétalas de girassóis  
escaparam da minha boca  
todos os cães da cidade  
latem a palavra “saudade”  
dentro de nuvens HQ.

 **Diego Moraes** é poeta, autor dos livros *A fotografia do meu antigo amor dançando tango* (2012), *A solidão é um deus bêbado dando ré num trator* (2013) e *Eu já fui aquele cara que comprava vinte fichas e falava 'eu te amo' no orelhão* (2015). Vive em Manaus (AM).

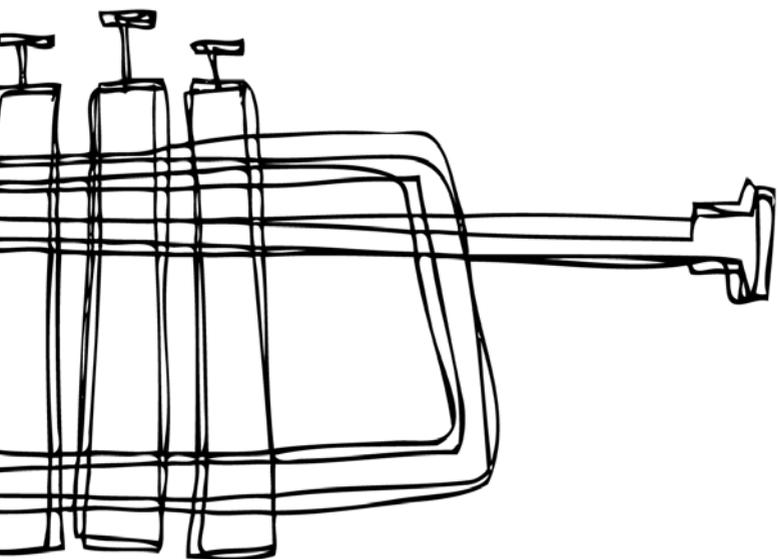
# CLIQUESES

## EM CURITIBA





**Eduardo Macarios** atua como repórter-fotográfico, além de se dedicar à fotografia autoral. Seu projeto “Andante”, foi transformado em livro em 2009. Em 2014 realizou a exposição individual Chaos & Classic. Macarios morou na Inglaterra e na Austrália. Hoje vive e trabalha em Curitiba. O ensaio desta edição, chamado “Contos fotográficos”, foi inspirado na obra de Dalton Trevisan.



# O TROMPETE

A luz tênue do quarto lembra um corpo. Um corpo que lembra um mapa. A luz, a música de Chet Baker sobre os lençóis da cama e o mapa do Brasil (com z porque o corpo é viajado) tatuado na omoplata direita. Minhas mãos em sua nuca, o cabelo curto... cheiro de relva, a luz tênue... a maneira preferida de me despir, de fazer-me uno, de adentrar o mapa.

A tatuagem vista daquele ângulo traz ao centro um escrito minúsculo borrado de vermelho. Impossível de ler a olho nu. Faço um esforço tremendo para com o dedão do pé direito arrastar a lupa d'cima do criado mudo. Um deslize e nossos corpos que formam o ângulo perfeito para o desvendar do mapa do Brasil viriam abaixo. Estou estafado! Não conseguiria mais ficar firme o suficiente para o encaixe com Anete. Anete Dacas.

Quase com a lupa nas mãos e ela rola pra d'baixo da cama. Minhas costas, não aguento mais! Aguenta sim!

O esforço é redobrado. Com o pé esquerdo alcanço novamente a lupa.

Tragou-a ao olho. Lá está. Então é isso: “Joca Livros Novos & Usados Paulista 6735”. Assusto-me. Um grande estalo e sinto muita dor. Fratura do pênis.

Subo a Paulista. O endereço é um muquiço fedorento. E, estou certo, o tatuador cometera um “engano”. Proposital? Tatuado “Livros” em vez de “Discos” na omoplata de Anete. Somente um músico, feito eu, sabendo da importância do trompete, perceberia a sutil cilada. Joca é um octogenário cheio de vigor. Me recebe com cara de poucos amigos.

O trompete? Onde está o trompete? O que quer com ele? Você é músico? Sou.

Você não parece músico!

É que nas horas vagas sou detetive.

O trompete não está comigo.

O senhor está mentindo! — Levanto Joca com uma só mão.

Não está comigo! Não está comigo!

Mentira! Mentira, seu velhote sacana!

Maguila! Maguila! Venha aqui, temos um pretendente ao trompete!

Um gorilão salta a bancada que me separa de Joca e me atinge em cheio, bem no meio das pernas. Não bastava a fratura da noite passada? Quem deixou o zoológico aberto?

Não há dúvida, o trompete está com Joca. O problema é seu gorila. Maguila, o gorila. Lembram do desenho? A situação é semelhante: um gorila que mora numa loja com seu proprietário. Preciso da ajuda de Anete.

Onde ele escondeu a metadona? A oportunidade é essa. Grande show o de ontem à noite. Entrará pra história. Mas onde está a porra da metadona? Espero que a putinha que paguei pra segurar o Dr. no bar do hotel esteja dando conta do recado. Achei! Venha cá minha princesinha.

Desculpe, tenho que subir.

Não vá ainda, fique mais um pouco Dr.

Chet!!!

Anete Dacas é minha assistente. Uma bela morena de 1.78m de altura. Cabelo curto, pernas torneadas e uma tatuagem do mapa do Brasil na omoplata direita. Tatuagem misteriosa. Nem ela sabe como conseguiu. O que lembra é que estava numa livraria e alguém começou a tocar um trompete. Acordou depois no banheiro feminino de um shopping. Em casa, ao trocar de roupa, é que percebe a tatuagem.

Você distrai o gorila e eu dou uma varredura na loja de discos. Como vou distrair um bicho daqueles? Sei lá, use seus dotes. Você não está insinuando... Pra que colocou os peitões?

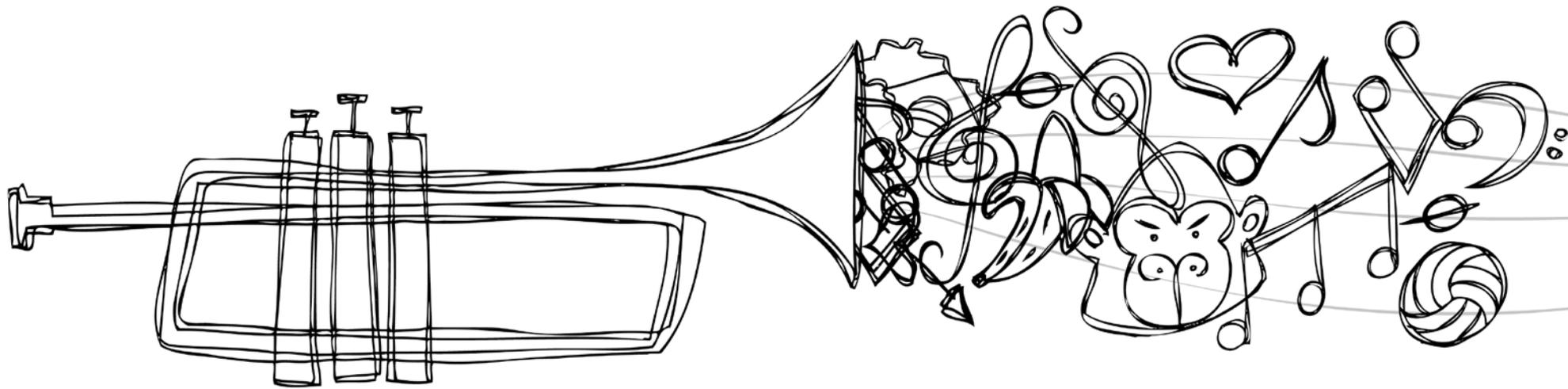
O Gorilão dando um trato nos peitões de Anete, enquanto eu reviro a enésima caixa de discos.

O que faz com meus discos?

Sua coleção é impecável! Quanto quer pelo *Witch doctor* de Chet Baker? Procurei a vida toda por este disco!

Não está à venda!

Vá lá, seja razoável...



O que fez com o meu Maguila?  
Está se divertindo um pouquinho.  
Não estou com o trompete!  
E onde está?  
Não sei.  
Mentiroso!  
O que você quer com ele?  
Tocar algumas músicas.  
Não estou com o trompete!  
Me ajude, confie em mim.  
Por que deveria?

Você não tem escolha, sabe bem o que acontece quando o trompete cai em mãos erradas.

Esse é o problema, meu jovem, temo ser tarde. Está ouvindo?

Uma música de trompete invade a loja de discos, parece vir do fundo da loja.

Rápido, tape os ouvidos! Não sabemos o que esta música é capaz de fazer conosco. Venha comigo, tem um jeito de sairmos daqui. Por aqui, venha rápido!

O velhote abre uma escotilha no chão e descemos rápido por ela.

Aonde este buraco vai dá?  
Na esquina de um cruzamento, a cinco quadras daqui, na Avenida Paulista.  
E minha assistente, o que será dela?  
Não se preocupe os gorilas são imunes à música do trompete, Maguila cuidará dela.

Uma senhora de guarda-chuva leva um susto ao vê dois homens saindo de um bueiro. São o velho vendedor de discos e o detetive.

Conte o que está acontecendo? Quem estava tocando o trompete?

Vamos beber alguma coisa? Conheço um lugar aqui pertinho que tem um bom chope.

Penso num café.

Tudo bem, vamos!

E aí?

Era ele quem tocava o trompete.

Quem é ele?

É como no disco de Chet Baker, o Dr. Desejo.

Que história maluca é essa, quem é esse Dr. Desejo?

O médico que acompanhou Chet na turnê do Brasil.

Aquela em que ele quase morreu de metadona?

Essa mesma, eu estive lá, depois do show fui ao hotel, atrás de um autógrafo do Chet. Consegui subir ao quarto dele e vi quando ele, chapadão, discutia com o Dr. Ele dizia que precisava de outra dose e o Dr. dizendo que só daria se ele, Chet, lhe dissesse onde estava o trompete. Chet diz e recebe de uma só vez uma dose cavalgar de metadona na veia. Saí do hotel correndo e peguei o primeiro voo pra Nova York.

Maguila agarra Anete no colo e sai com ela pela porta de entrada da loja, derrubando pilhas de discos. Anete está catatônica, tesa. O gorilão, com ela nos braços, sai pulando por cima dos carros, congestionando o trânsito e deixando muita gente intrigada com o que vê: uma mulher de seios lindos, à mostra, carregada por um macaco.

O sinal vermelho e Maguila se vale do carro, um Monza verde, que para

na faixa de pedestre. Puxa o motorista pela janela do Monza, entra, joga Anete, estática, no banco traseiro e sai pilotando o carro, furando o sinal que continua vermelho.

A partida no set de desempate. Anete possui naturalidade australiana e forma dupla com Deise. Uma experiente jogadora de vôlei de praia. Deise corta e a bola bate no campo de areia adversário em cima do trompete semi-soterrado na praia. A legítima jogadora australiana ganha o jogo com a cortada, desenterra o instrumento musical d'baixo dos olhares espantados de todos que ali estão e toca uma música brasileira.

Deise toca *Brasileirinho* usando apenas um pistão do trompete.

A australiana executa a canção e, repentinamente, todos que estão na quadra de areia e na arquibancada passam a fazer sexo. Quem tem parceiro faz com seu parceiro, quem se conheceu um pouco antes da partida faz entre si e quem nunca se viu até então também faz. Anete Dacas é violada por trás pelo juiz da partida.



enorme escultura em metal, manda que a desfaçam e com o metal contrata um renomado fabricante de instrumentos de sopros para que lhe faça um trompete.

Joca desce em Nova York, pega um táxi e pede para o motorista ir a toda velocidade ao endereço onde Julio Cortázar autografa seu mais recente livro *O jogo da amarelinha*. Compra um dos exemplares da edição americana e entra na fila dos autógrafos. Chega sua vez, pede para Cortázar fazer a seguinte dedicatória: “Para Joca, que procura o trompete mágico”. O escritor olha para ele com espanto, levanta e diz: venha comigo!

Minutos depois os dois estão em um *pub* na nona avenida:

Eu ganhei o trompete de um fã. Um filho único de um rico colecionador de arte. Ele me disse que sabendo de minha paixão por trompetes mandara confeccionar aquele para mim.

Mas você já sabe o que ele faz, não é?

Sei o que acontece quando se toca com dois dos pistões. Mas nunca toquei

com o terceiro. Não sei o que pode acontecer quando se toca com ele.

Nem saberá! – Exclama o Dr. Desejo, que aparece de repente no *pub*, apontando uma arma.

Existem especulação e controvérsia sobre o que de fato aconteceu com Chet Baker, no hotel em Amsterdã, na madrugada de 13 de maio de 1988, quando ele despencou da janela de sua suíte, no 21º andar do hotel. Suicídio ou acidente?

Nem uma coisa, nem outra. Assassinato!

Chet está esparramado na cama, chapado de metadona. Quando, escondido no banheiro, com o trompete amaldiçoado que roubara de Cortázar, o Dr. Desejo, começa a tocar um solo justamente com o pistão que Cortázar não sabe o que acontece quando se toca com ele.

Catônico, Chet se ergue da cama e vai, feito um zumbi, até a janela da suíte, destrava as trancas, abre por completo e se joga janela abaixo.

Então não foi acidente o que aconteceu com Chet Baker?

Não. Além de Chet ser pai de Deise, que é neta da bruxa que amaldiçoou o metal de que o trompete é feito, e o Dr. Desejo quer acabar com toda a linhagem dos que estão diretamente ligados ao trompete, ele não suportava o comportamento doentio de Chet.

E o que aconteceu com Julio Cortázar?

Fomos levados pela mira da pistola do Dr. à casa de uma irmã, que mora em Nova York, de Cortázar. Era lá que ele escondia o trompete. O Dr. Desejo pegou o trompete e deu um tiro na irmã do escritor que o atacou com uma frigideira. Felizmente o tiro atingiu de raspão.

Uma vez eu estive com Julio Cortázar em Buenos Aires.

Eu sei. Ele me falou.

O que mais ele lhe falou?

Que você e eu temos que recuperar o trompete das mãos do Dr. Desejo.

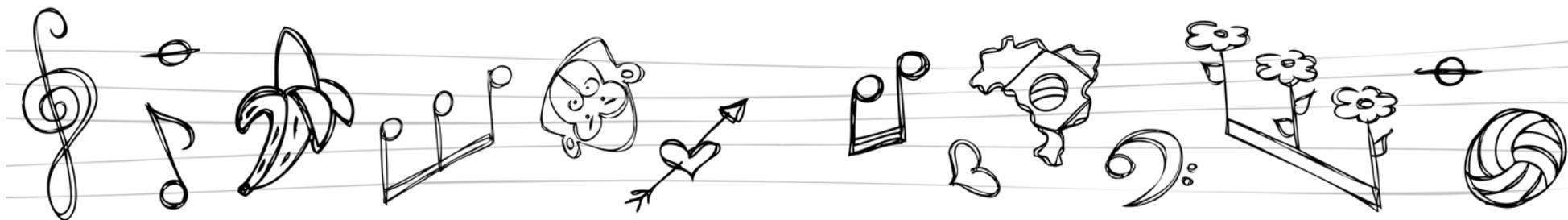
Waleska termina o expediente no zoológico às 18hs. A última tarefa do

dia é limpar a jaula de um velho casal de gorilas. Os pais de Maguila. Waleska roubou Maguila ainda filhote e o vendeu a Joca. Comprou crack com o dinheiro da venda.

Limpa a jaula e ao final, escondida numa gruta que há na jaula, fuma algumas pedras de crack. Ensina o casal de velhos gorilas a usar a droga. Repete esse ritual diariamente no final do expediente no zoo.

Não fora diferente naquele dia. Fuma algumas pedras na gruta junto com os gorilas. E segue, como sempre, para sua lavanderia na Crakcolândia. Restam-lhe algumas pedras na bolsa. O que trata de fumar já em sua lavanderia olhando para dentro de uma das máquinas de lavar em funcionamento.

A máquina gira, a fumaça do cachimbo sobe. No girar da máquina e no subir da fumaça, passa a ouvir a música de um trompete. A fumaça acaba, mas a máquina e a música continuam. A máquina para e a música continua insistente.



Waleska entra em transe com a música do trompete que não cessa e vai à casa do traficante vizinha à sua lavanderia. Leva a escritura da lavanderia com ela. O traficante é surdo-mudo e os dois se comunicam em Libras. Troca a lavanderia por 2 quilos de crack. Volta pra casa, e ao som do trompete, passa a fumar, sistematicamente, um pedaço de crack atrás do outro. Tem uma overdose.

Seu espírito sai de seu corpo em forma de fumaça de crack, sobe e desce vertiginoso direto para o inferno. Fica no chão seu corpo morto, enquanto o trompete executa um foxtrote.

O Dr. Desejo sabe que Joca e Pablo estão à sua espreita para recuperar o trompete. Precisa se defender. Vai ao encontro do grandalhão do eunuco, e mentindo promete a ele cirurgia capaz de devolver-lhe não apenas o cu, mas o pau também. Em troca o eunuco tem que defendê-lo, e a seu trompete, das investidas de Joca e Pablo. Quando não houver mais perigo eminente as cirurgias serão realizadas. Iludido Jorge aceita a proposta e passa à guarda-costas do Dr.

O plano é Deise e Anete seduzirem o Dr. Desejo, fazendo com que ele se

descuide. Então Pablo e Joca entram em cena, pegam o trompete e prendem o Dr. Fácil prever que Deise é a próxima a ser atacada, já que é neta da bruxa. E, pelo perfil dos assassinatos anteriores, espera-se que o ataque se dê em seu apartamento, provavelmente em seu quarto.

Deise é uma mulher bonita, de corpo escultural. Anete Dacas, como sabem, não fica atrás. É mulher de seduzir gorila. E substituíra sua prótese de silicone no seio, que havia furado.

Pablo e Joca construíram um compartimento no closet do quarto de Deise. Há espaço no compartimento escondido para três, no caso: Pablo, Joca e Maguila, o gorila.

Deise e Anete estão em roupas íntimas, na cama, formando um quadro muito atraente. A esperança é que o Dr. Desejo antes de tocar o trompete com o pistão da morte, toque com o pistão do sexo e se aproveite das garotas.

Mais que uma esperança. Chet Baker revelou para filha o quanto o Doutor, na época seu médico, é perverso. Juntos participaram de bacanais. O Doutor arrumava mulheres para Chet. Há outro ponto a favor, que a filha não

revelara ao pai. Achava que o Dr. Desejo era importante no tratamento do vício em heroína do pai, e receava que Chet o demitisse. O Doutor, em ocasião na casa de Chet, quando a filha fora visitá-lo, se declarou a ela, que é loucamente seduzido por ela, que tem gravado, e vê repetidas vezes, suas partidas de vôlei de praia.

Não dá outra. As mulheres sedutoramente na cama folheando revistas, quando vindo de algum lugar do apartamento, uma música de trompete começa a soar baixinho. As mulheres se acariciam. A música se aproxima e elas se enlaçam sexualmente. A música, alta e próxima, e as duas ousadamente fazendo um 69.

Então lá está o Doutor, em pé, nu, diante da cama, tocando o trompete com uma das mãos, e com a outra acariciando seu pau duro.

Pablo e Joca de ouvidos tapados por pequenos fones. Maguila é imune à música do trompete. Os três a tudo observam pela abertura estrategicamente preparada no compartimento escondido no *closet*. Da abertura veem tudo que se passa na cama e no entorno.

O Dr. Desejo, sempre tocando o trompete, puxa Deise para a beirada da cama e está pronto para introduzir seu pau na buceta dela, quando os três saem do esconderijo no *closet*. O Doutor não se faz de rogado, e tocando o trompete, introduz o pau em Deise. Os três avançam em sua direção, quando o eunuco adentra o quarto segurando uma metralhadora.

Mate todos! — Berra o Dr. Desejo.

Jorge dispara a metralhadora e todos pulam e se protegem como podem. Maguila pula sobre o eunuco fazendo com que a arma caia disparando. Uma das balas ricocheteia na cabeceira da cama e atinge a tatuagem de Anete Dacas. O projétil faz um estrago irreparável na tatuagem, destruindo-a por completo.

Jorge é grande e forte, páreo duro, mesmo para um gorila. O eunuco desvencilha-se de Maguila e aplica-lhe um enorme soco. Um murro tão forte que joga o macaco a meio metro. O gorila se refaz rapidamente da queda e pula novamente no eunuco. Se agarram trocando socos.

O Doutor sai correndo nu com o trompete na mão, atravessa a sala do apartamento e desce pela escada de incêndio do prédio. Plabo vai atrás dele.

Deise, já consciente, ajuda Joca a levar Anete ferida para o esconderijo no closet. Maguila e Jorge lutam ferozmente.

Dr. Desejo alcança a avenida que está sendo recapada com uma nova camada de asfalto. Pisa no asfalto ainda em brasa e tropeça deixando o trompete cair e rolar em direção a uma máquina de rolo compressor que planifica o asfalto. O rolo compressor esmaga o trompete, emoldurando-o.

O gorila e o eunuco lutam até a morte. Cessado o barulho de luta, Joca e as mulheres saem do esconderijo. No chão, agarrados, em posição fetal, mortos, Maguila e Jorge. Homem e macaco são uma só coisa, unidos na mesma árvore genealógica, que pende sem vida.

Joca e Pablo conversam na loja de discos.

Você alcançou o Dr. Desejo?

Sim, ele tropeçou na avenida em reforma.

O que farão com ele?

Está preso e responderá pelos assassinatos de Chet Baker, Waleska e pelo estupro de Jorge.

Sinto falta de Maguila.

Lamento!

E Anete, sua secretária, como está?

Bem. Até já voltou ao trabalho. Só a tatuagem ficou destruída.

Melhor assim. E o trompete?

Pedi aos operários que reformavam a avenida que o cobrisse por completo com asfalto.

É, acredito que não teremos mais problemas com ele.

Toca o celular de Plabo. Ele atende, se identifica e escuta olhando espantado para Joca.

Quem era?

A irmã de Julio Cortázar.

O que queria?

Acabaram de ler o testamento de seu irmão. Há uma carta anexa endereçada a ela que diz que o irmão também ganhou uma gaita do mesmo fã que lhe deu o trompete. E que o irmão deu de presente a gaita a Bob Dylan. ■

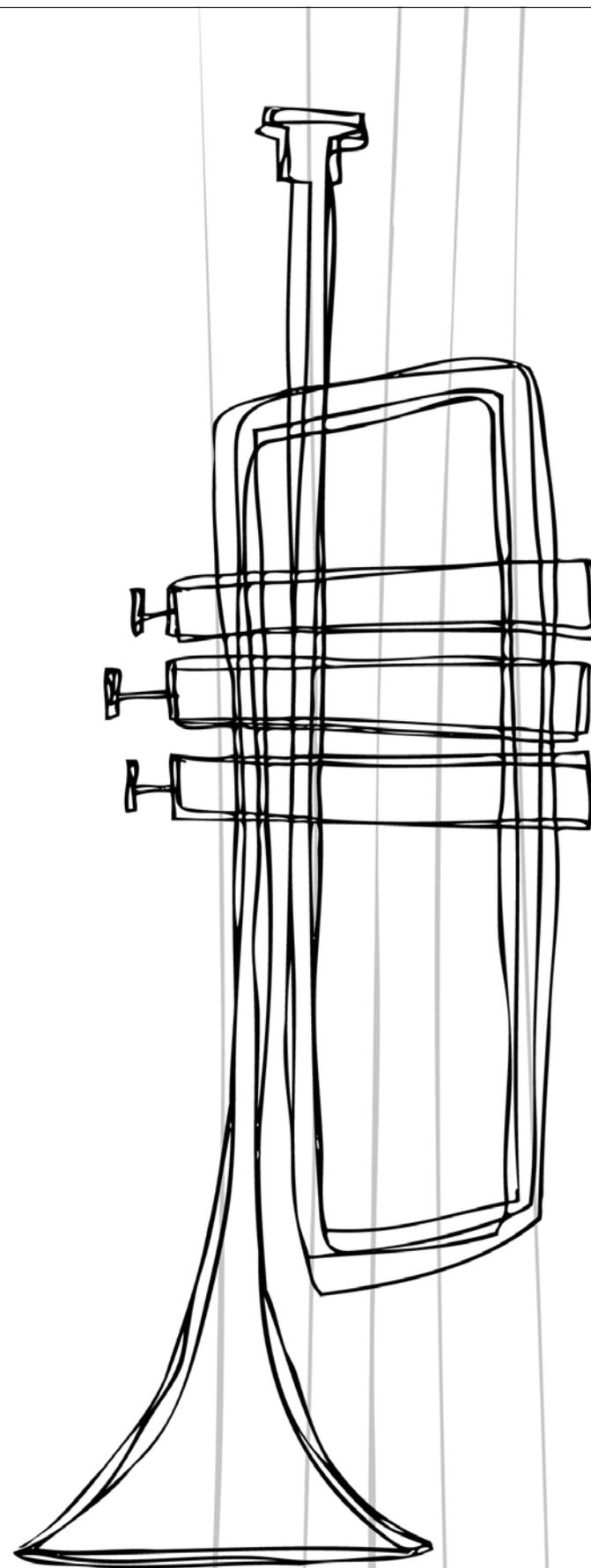


Ilustração **Marília Costa**



**Cláudio Portella** é escritor, poeta e crítico literário. Autor, entre outros, dos livros *Bingo!* (2003), *Melhores poemas Patativa do Assaré* (2006), *Crack* (2009) e *Elíptico* (2014). *O livro das frases & outros diálogos* (2014) e *Picos Hotel* (2015). Colabora em importantes publicações do Brasil e do exterior. Ganhou o concurso de conto da UBENY - União Brasileira de Escritores em Nova York. Vive em Fortaleza (CE).



## URUBUSERVANDO

Sou seu urubu rei  
Ave de rapina em franca extinção  
Atrás de banquete sempre irei  
Do lixo luxo e as doenças evito a disseminação  
Não trago augúrio e tampouco desgraça  
Em terra santa ou beira de rio  
Meu almoço é a sua nobre carcaça  
Vivo em bandos a revoar  
Sentinela urubuservadora da carniça  
Minha asa se abre a frufrulejar  
Em cima da tripa ou o podre da linguiça  
Vivo sem rumo no rumor da morte  
Nas garras levo seu fígado, o duodeno e o baço  
Minha asa é um véu negro  
Vivo da putrefação e do martírio  
No meio ambiente eu sou íntegro  
O gosto e o desgosto são meu delírio  
Enfim o funeral e os olhos pressagos  
Dum corpo vivo agora extinto  
De ossadas em ossadas entre lagos  
O fedor e a náusea é meu instinto.



 **Geraldo Magela** é poeta, autor, entre outros, de *Bendita boca maldita* (1982). É o idealizador do CuTUCando a Inspiração, projeto mensal em que poetas e prosadores paranaenses se apresentam, por meio de performances, no palco no Teatro Universitário de Curitiba (TUC). Vive em Curitiba (PR).